

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS
CONTEMPORÂNEOS DAS ARTES**

Walla Capelobo

Às congonhas e as montanhas que sussurram

NITERÓI 2022

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos Orixás pela realização desse trabalho, aos ancestrais de Aby Ayala pelos encantos que permitiram essas palavras serem escritas. À minha família sanguínea por todo apoio e a família negra que reside em todo o planeta e que nos reconhecemos no olhar e nos apoiamos em acolhimento. Agradecimento especial à ceramista do Quilombo de Pinhões em Minas Gerais Dona Wagner citada nesta pesquisa e que se encantou antes do fim da mesma, obrigada pelos ensinamentos e por acender em mim o desejo pelas artes da terra. Agradeço pela amizade e orientação do Luiz Guilherme Vergara sempre atento e cuidadoso em sua escuta, pelo apoio e conselhos para realização dessa pesquisa. Um muito obrigado também especial a banca avaliadora formada por amigos queridos Cintia Guedes, Elton Panamby e Jorge Vasconcelos, conselhos e afetos que trilham meu caminhar. Por último e não menos importante agradeço a Carmen Luz por sua sabedoria ao interferir de maneira tão querida na minha trajetória ao me ensinar sobre justiça e alegria.

RESUMO

Às congonghas e às montanhas que sussurram são diálogos entre a artista pesquisadora e as plantas congonghas, ervas em risco de extinção em decorrência dos processos de estratificação do minério de ferro na região central de Minas Gerais. Memórias, intuições e percepções são agenciadas a fim de construir um solo possível de elaboração de imaginários onde nossas extinções são impossíveis. Folhas, água, barro, fogo e as transmutações das matérias são gestos presentes na fabulação de momentos de justiça e alegria. Não seremos esquecidas.

Palavras-chave: congonghas cerâmica memória ecologia

ABSTRACT

The congonghas and the Whispering Mountains is a dialogue between the researcher artist and the congonghas plants, herbs in danger of extinction as a result of the iron ore stratification process in the central region of Minas Gerais. Memories, intuitions and perceptions are managed in order to build a possible ground for the elaboration of imaginaries where our extinctions are impossible. Molding the clay, burning the pottery are effective gestures present in the creation of moments of justice and joy. We will not be forgotten.

Keywords: congonghas ceramic memory ecology

SUMÁRIO

LISTA DE IMAGENS.....	05
INTRODUÇÃO.....	13
TREMOR.....	26
SUSSURROS.....	65
QUEIMA.....	87
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	155
BIBLIOGRAFIA.....	156

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Charge sobre o fato do afrouxamento das leis ambientais no estado de Minas Gerais por incentivo da atual gestão do estado ao comando do governador Romeu Zema. Belo Horizonte. 2021. Tweet deputada federal (MG) Áurea Carolina.	07
Imagem 2: A cura Dalton Paula (detalhe). Goiânia. Fotografia: Paulo Rezende.....	08
Imagem 3: Meu avô Expedito Teixeira. Congonhas/MG. 2020. Fotografia: Marcelo Teixeira (meu pai).....	10
Imagem 4: congonhas em minhas mãos. Congonhas/MG.2021. Fotografia: Walla capelobo.....	11
Imagem 5: congonhas que encontrei na serra cada de pedra. Congonhas(MG). 2021. Fotografia: Walla Capelobo.....	12
Imagem 6: Forno e queima de cerâmica construído com amigues. Diamantina (MG). 2021. Fotografia: Helena Borges	14
Imagem 7: Locomotiva da MRS, companhia responsável pelo transporte do minério de ferro na Serra Casa de Pedra. Congonhas. 2020. Fotografia: Walla Capelobo.....	19
Imagem 8: Placa CSN em um dos acessos a cachoeira santo antônio e a serra casa de pedra. Congonhas (MG). 2021. Fotografia: Walla Capelobo.....	21

Imagem 9: Forno no barranco de Dona Wagner. Quilombo de Pinhões (MG). 2020. Fotografia: Walla Capelobo.....	22
Imagem 10: Dona Wagner e companheiras em seu ateliê de cerâmica. Quilombo de Pinhões (MG). 2020. Fotografia: Walla Capelobo.....	23
Imagem 11: Fragmento de massa cerâmica com digitais atribuídas à tradição Aratu-Sapucaí (anterior período colonial). Sítio Arqueológico Madruga/Congonhas(MG). 2015. Fotografia: Alenice Baeta.....	24
Imagem 12: Bairro Plataforma. Congonhas(MG). 2021. Fotografia: Walla Capelobo.....	28
Imagem 13: Minutos antes do curso que ministrei durante o estágio docência. Com os alunos da graduação em Artes Visuais (IACS/UFF) compusemos composteiras. Rio de Janeiro (RJ). 2021. Fotografia: Walla Capelobo.....	32
Imagem 14: Tio Marquinho, Marcelo (meu pai) e avô Expedito. Quilombo da Boa Morte (MG). 2019. Fotografia: Walla Capelobo.....	34
Imagem 15: Pintura rupestre no Sítio Arqueológico Sentinela. Parque Estadual do Ibiribiri (MG). 2021. Fotografia: Walla Capelobo.....	39
Imagem 16: Joel Xakriabá com cerâmica. São João das Missões (MG). 2021. Fotografia: Tales Bedeschi.....	41

Imagem 17: Detalhe forno construído em coletivo, antes da queima. Diamantina (MG). 2021. Fotografia: Walla Capelobo.....	42
Imagem 18: Queima. Diamantina (MG). 2021. Fotografia: Walla Capelobo.....	43
Imagem 19: Manhã após queima. Diamantina (MG). 2021. Fotografia: Walla Capelobo.....	44
Imagem 20: Cartaz protesto contra o absurdo do marco temporal. Rio de Janeiro (RJ). 2021. Fotografia: Walla Capelobo.....	46
Imagem 21: Cartaz em protesto contra o marco temporal. Rio de Janeiro (RJ). 2021. Fotografia: Walla Capelobo.....	48
Imagem 22: Desejo-Ruína 2001-2020, latas enferrujadas, Luana Vítra. Belo Horizonte (MG). 2020. Fotografia: Portfólio da artista.....	49
Imagem 23: Congonha. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.....	65
Imagem 24: Congonha. Congonhas (MG). 2022. Fotografia Walla Capelobo.....	66
Imagem 25: Congonha. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.....	67
Imagem 26: Congonha. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.....	68

Imagem 27: Congonha. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.....	69
Imagem 28: Congonha. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.....	70
Imagem 29: Folhas de congonha secando. Congonhas (MG). 2019. Fotografia: Walla Capelobo.....	71
Imagem 30: Folhagem de congonha. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.....	74
Imagem 31: Flores de congonha. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.....	76
Imagem 32: Flor de congonha. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.....	77
Imagem 33: Tronco de congonha. Congonhas (MG). 2021. Fotografia: Walla Capelobo.....	79
Imagem 34: Caule de congonha. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.....	80
Imagem 35: Caule de congonha. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.....	81
Imagem 36: Chá de congonha. Congonhas (MG). 2019. Fotografia: Walla Capelobo.....	83
Imagem 37: Processo de criação dos fósseis de congonha. Rio de Janeiro (RJ). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.....	87
Imagem 38: Quintal. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.....	89
Imagem 39: Horror Econômico (Performance). Congonhas (MG). 2014. Print video: Walla Capelobo.....	90

Imagem 40: Jardineire Infiel. Congonhas (MG). 2016. Print video Walla Capelobo.....	91
Imagem 41: Brotar raízes, ser quilombo. Congonhas (MG). 2021. Fotografia: Walla Capelobo.....	92
Imagem 42: Buraco Forno. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.....	94
Imagem 43: Forno de buraco. Diamantina (MG). 2021. Fotografia: Walla Capelobo.....	95
Imagem 44: Detalhe do barrado após queima. Diamantina (MG). 2021. Fotografia: Walla Capelobo.....	97
Imagem 45: Processo de barrear forno de buraco. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.....	98
Imagem 46: Início da queima, conferindo a temperatura com minha amiga Pamela. Rede de agroecologia UFRJ - Rio de Janeiro. 2022. Fotografia: Verde.....	100
Imagem 47: Marcelo Teixeira (meu pai) acendendo a fogueira. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.....	101
Imagem 48: Inicio da queima: fogueira auxiliar ao fundo e forno em primeiro plano. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo..	102
Imagem 49: Fogueira auxiliar e brasas no forno. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.....	103
Imagem 50: Fogueira no interior do forno. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.....	105
Imagem 51: Fogueira no interior do forno. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.....	106
Imagem 52: O início do incandescer. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.....	108
Imagem 53: Incandescer das peças. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.....	109

Imagem 54: Ápice da queima, incandescer das peças. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.....	110
Imagem 55: Resultado da queima. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.....	113
Imagem 56: Resultado da queima. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.....	114
Imagem 57: Fósseis do futuro: congonha. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.....	115
Imagem 58: Fósseis do futuro: congonha. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.....	116
Imagem 59: Fósseis do futuro: congonha. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.....	117
Imagem 60: Fósseis do futuro: congonha. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.....	118
Imagem 61: Fósseis do futuro: congonha. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.....	119
Imagem 62: Fósseis do futuro: congonha. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.....	120
Imagem 63: Fósseis do futuro: congonha. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.....	121
Imagem 64: Fósseis do futuro: congonha. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.....	122
Imagem 65: Fósseis do futuro: congonha. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.....	123
Imagem 66: Fósseis do futuro: congonha. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.....	124
Imagem 67: Fósseis do futuro: congonha. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.....	125
Imagem 68: Fósseis do futuro: congonha. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.....	126

Imagem 69: Fósseis do futuro: congonha. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.....	127
Imagem 70: Fósseis do futuro: congonha. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.....	128
Imagem 71: Fósseis do futuro: congonha. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.....	129
Imagem 72: Fósseis do futuro: congonha. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.....	130
Imagem 73: Fósseis do futuro: congonha. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.....	131
Imagem 74: Fósseis do futuro: congonha. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.....	132
Imagem 75: Fósseis do futuro: congonha. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.....	133
Imagem 76: Fósseis do futuro: congonha. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.....	134
Imagem 77: Fósseis do futuro: congonha. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.....	135
Imagem 78: Fósseis do futuro: congonha. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.....	136
Imagem 79: Fósseis do futuro: congonha. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.....	137
Imagem 80: Fósseis do futuro: congonha. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.....	138
Imagem 81: Fósseis do futuro: congonha. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.....	139
Imagem 82: Fósseis do futuro: congonha. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.....	140
Imagem 83: Fósseis do futuro: congonha. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.....	141

Imagem 84: Fósseis do futuro: congonha. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.....	142
Imagem 85: Fósseis do futuro: congonha. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.....	143
Imagem 86: Fósseis do futuro: congonha. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.....	144
Imagem 87: Fósseis do futuro: congonha. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.....	145
Imagem 88: Fósseis do futuro: congonha. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.....	146
Imagem 89: Fósseis do futuro: congonha. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.....	147
Imagem 90: Moringas. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.....	148
Imagem 91: Felino. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.....	149
Imagem 92: Casa. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.....	150
Imagem 93: Ciranda. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.....	151
Imagem 94: Pratos. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.....	152

INTRODUÇÃO

Às congonhas e às montanhas que sussurram surgem pela minha intuição e curiosidade sobre as congonhas, planta nativa do cerrado mineiro com caules tortos, folhas grossas e raízes profundas no chão rico em pedras de ferro. Além de darem o nome a cidade que brotei, Congonhas em Minas Gerais, são a fonte de curas e mistérios, o que fez meu desejo por conhecê-las aumentarem. Às congonhas eram abundantes no território que recebe seu nome, os bandeirantes colonialistas deram nome de Congonhas ao pequeno vale no centro do que viria a ser Minas Gerais pela abundância da planta nos campos rupestres da região. Hoje às congonhas pertencem a imensa lista de espécies em extinção, seu desaparecimento é diretamente proporcional ao aumento da destruição da paisagem pela mineração. Desde o século XVII Congonhas sofre as consequências de possuir um chão rico em minerais, no período oficial colonial o ouro foi o primeiro ser que virou commodity e deste acontecimento são formadas as primeiras ondas de degradação da localidade. Na contemporaneidade que escrevo, o solo de Congonhas sofre por outro ciclo de expropriação, desde o século XIX e com maior intensidade a partir dos anos 40 do século XX o minério de ferro é o ser explorado de vez. A região onde está Congonhas, o chamado quadrilátero ferrífero é o solo que possui uma das maiores jazidas de ferro do planeta e sua riqueza logo não deixaria de ser expropriada. Escrevo sobre o solo de uma das regiões que mais sofrem com crimes ambientais e suas consequências sociais, crimes como o rompimento das barragens de rejeitos de ferro em Mariana (2015) e Brumadinho (2018), acidentes de trabalho, extinções de espécies vegetais e animais, violações constantes dos direitos humanos são realidades comuns nos locais minerados por empresas como CSN (Companhia Siderúrgica Nacional) e CVRD (Companhia Vale do Rio Doce) apartadas pelas políticas do estado de Minas Gerais e Brasil que asseguram a legalidade das violações de nossos corpos territoriais. Horácio Machado Araújo, pesquisador argentino, afirma que “ *a vida moderna é inconcebível sem a mineração . A modernidade é integralmente, em sua evolução e em seu presente, uma completa vivência mineral*” e mais adiante no mesmo texto afirma que “*a civilização ocidental mineralizou a condição humana*” ou seja a mineração, fenômeno primário no modo colonial de produção de mundo criou uma condição de existência que a expropriação da Terra e dos seres humanos e não humanos sejam possíveis até seus esgotamentos, as extinções.



Imagem 1: Charge sobre o fato do afrouxamento das leis ambientais no estado de Minas Gerais por incentivo da atual gestão do estado ao comando do governador Romeu Zema. Belo Horizonte. 2021. Tweet deputada federal (MG) Áurea Carolina.

Mesmo com a vivência de anos no território de Congonhas (MG) eu não conhecia as plantas mágicas que derivam seu nome e mesmo assim sonhei com o dia que me relacionaria com elas. O modo de existência exercido pelo mundo ordenado pela lógica moderna/colonial, argumentado por Denise Ferreira da Silva, são um conjunto de operações que o compõem, a partir da separabilidade (plano cartesiano), sequencialidade (linearidade do tempo) e determinabilidade. Este agrupamento de procedimentos é chamado por Denise de *pilares onto epistemológico da modernidade* (FERREIRA DA SILVA, 2019), ações que constituem as manutenções do mundo como nos foi dado a conhecer. Este trabalho nasce também do desejo de destruição desse mundo cercado pela lógica moderna/colonial, onde sua existência é possível pelo ato de despossuir as terras indígenas e a perpetuação dos processos escravagistas dos povos escuros (pretos africanes, descendentes de africanes e humanos das terras invadidas). Sinto na epiderme que me apresenta o mundo a fragilidade que é pisar em território invadido, presencio a décadas as montanhas serem fragmentadas por uma força extremamente intensa e nunca consegui me acostumar com tamanha destruição. Sinto a extrema força da extração mineral em minha vida e nas dos meus familiares que trabalham diretamente no serviço de extração (pai, mãe, irmão, tios, tias, primos e avô paterno) e a comunidade ao meu redor (vizinhos e amigos) que apresentam os sintomas na alma de uma vida estratificada. Este trabalho é uma forma de *redistribuição da violência* (MOMBAÇA, 2018), não apenas uma denúncia, mas um modo de explicar e redistribuir o que sinto e vivencio, não como um problema individual e sim como parte de um todo de vidas escuras fragmentadas pelo sistema colonial.



Imagem 2: A cura Dalton Paula (detalhe). Goiânia. Fotografia: Paulo Rezende

Danton Paula, artista que tenho grande admiração, me foi de grande inspiração no processo de elaboração de *Às Congonhas e às montanhas que sussurram*, os seus trabalhos *As plantas curam (2016)*, *A cura (2016)* e *Santos Remédios (2016)*, apresentam caminhos na elaboração da cura para nós que não nos sentimos seguras em terras invadidas. Os procedimentos artísticos também de Castiel Vitorino Brasileiro, em especial em *Quarto de cura (2018)*, alimentaram meu Orí para os caminhos das congonhas. Tanto em Dalton quanto em Castiel a construção da cura para os males do sistema adoeceador brasileiro é dada por procedimentos não ocidentalizados, conhecimentos que não estão sustentados pela modernidade/colonialidade e sim por matrizes complexas de saberes sobreviventes ao projeto Brasil. Ancestralidades (originária da terra e/ou africana), oralidade, sabedorias ditas populares, comunicações espirituais, capacidade de diálogo com seres não humanos, recusa a humanidade modulada pela branquitude são alguns dos procedimentos presentes nesses trabalhos, no meu corpo/vida e em meus gestos criativos.

Há dois anos comecei o diálogo com as congonhas, fui apresentada a elas pelo meu avô, Expedito Teixeira, uma das únicas pessoas da minha família que conhece congonhas e seus efeitos. Meu avô paterno concentra grandes conhecimentos sobre o cerrado mineiro, desde o solo por anos de trabalho na mineração do morro do chapéu (Nova Lima/MG), onde conta das explosões que desfazem em segundos a paisagem. Conta também sobre animais que há décadas não vemos mais, plantas que só conheço por sua voz, nascentes que secaram e de como o chá das congonhas estava presente no cotidiano da comunidade. Com seus conselhos sigo caminhando pelas matas de Congonhas, pelas serras do Pires e Casa de Pedra, a fim de vivenciar com seres que nos foi tirado de conviver. Procurando às congonhas encontrei uma floresta, a cada dia que não via elas os meus sentidos eram despertados para outros mundos que ali existiam para além da mineração. Histórias, encontros, conversas com os rios Maranhão, Soledade, Paroipeba, Camapuã que circundam as montanhas com suas águas misteriosas capazes de gritar nos silêncios das extinções. As serras, os ciclos das pedras, quando encosto no ferro me lembro dele no centro do planeta e a honra de tê-lo em convívio. As matas, árvores sinuosas, tortas, rígidas, criam raízes em pedregulhos, jatobás, espinheiras, venenosas, frutas do lobo, tamarindos, ameixas, tantos nomes, sabores que não viria a conhecer sem os caminhos serem abertos pelas congonhas. Tenho compreendido as congonhas como uma planta mestra, mais velha que vem me ensinando sobre ciclos e caminhos, a força necessária capaz de brotar fundo em chão de pedra. Encantou meu olhar, comecei a ver a multiplicidade de espécies que sempre me

circundou “- *Como vivi a vida toda aqui e não conhecia esse cantinho na mata?*”, me desalienando da separabilidade imposta entre eu e montanhas, me conhecendo, perdendo... decompondo, chapando, sonhando.



Imagem 3: Meu avô Expedito Teixeira. Congonhas/MG. 2020. Fotografia: Marcelo Teixeira (meu pai).

Em uma das caminhadas pela serra casa de pedra sou surpreendida com o choque de um raio, pela primeira vez, em fevereiro de 2021, encontro, reconheço, percebo uma congonghas. Todas as outras vezes que as vi, às congonghas, foram por intermédio de alguém, a comunidade ao meu redor sabe da feitura desse trabalho e com isso se tornou comum pessoas me mostrarem, me darem e falarem sobre as congonghas comigo. Quando a reconheci na mata senti que tinha fissurado o tempo, alegria de encarnar um saber impedido, vislumbrar as impossibilidades do esquecimento. Durante o curso *"Pensamento preto contemporâneo brasileiro, por um devir-quilombista das artes"* ministrado por Jorge Vasconcelos (PPGCA/UFF) e participações pontuais da multiartista Carmen Luz esse momento de encontro com as congonghas me veio à memória. Carmem ofertou com muita generosidade sobre justiça ser como uma explosão, acontecimento, sentimento que é mais próximo a alegria e não a um estado permanente das coisas. Me emocionei com essas palavras e fui levada pela terra da memória ao dia do encontro com as congonghas. Nesse dia eu experimentei a justiça, o trovão da alegria que explode e transforma. A justiça do não esquecimento. As nossas vidas escuras são permeadas por explosões vulcânicas incendiadas de justiça. Desde então desejo momentos de alegria, justiça.



Imagem 4: congonhas em minhas mãos. Congonhas/MG.2021. Fotografia: Walla Capelobo



Imagem 5: Congonhas que encontrei na serra casa de pedra. Congonhas(MG). 2021. Fotografia: Walla Capelobo

Nesse trilhar de *congonghas e as montanhas que sussurram*, me tornei ceramista, encontrei o barro na espiral do destino. Já me sentia atraída pela cor vermelha do barro que hoje sei que é composta de ferro. Realizei em 2020 *Lameado: intuições e percepções da lama* juntas com Elton Panamby e Verde amigos artistas que tenho profunda admiração. Compomos o filme presente à lama através do nosso encontro, trocamos sobre sensações na casa do barro, mangues, pântanos, ancestralidades, continuidades, preservações. Sou desde a graduação em história da arte (EBA/UFRJ) interessada em artes da/na terra e dei um passo rumo à prática por meio dos cursos de cerâmica da graduação em escultura da EBA/UFRJ da professora Kátia Gorini. O encontro com pinturas rupestres, cerâmicas anteriores ao período colonial estão aqui encarnadas em fabulações de continuidades onde destruo a linearidade ao perceber que o barro que moldo e sou moldada é o mesmo, trememos no tempo. Beatriz Nascimento e o pensamento quilombola estão implicados nas minhas aventuras com o barro, por suas contribuições sobre o quilombo como entidade da terra, agente da memória, projeto civilizatório, princípio e religião com as forças ancestrais. Com o barro experimento, o que Antonio Bispo, líder quilombola, diz sobre a experiência da vida ser integrada à terra, a sabedoria herdada por saberes africanos, é a profunda relação escura com o cosmo, onde a confluência dos movimentos moldam vivências. Mãe Beata de Yemanjá diz em uma entrevista que tive acesso por meio de um recorte de whatsapp sobre a possibilidade de parir com as mãos, da força criadora de gerir que habita em nossas corpas águas. Millena Lízia, irmã parceira, compartilhou comigo um texto no qual Mãe Stella de Oxóssi narra a importância de estar no fundo do poço, lá onde parece não haver saída, pois é de lá que nasce a força da fertilidade. Com o barro tenho conseguido gestar mundos que não podem ser determinados em nenhum instante, é no fogo de horas que as transformações necessárias acontecem e sobre elas me cabe aceitá-las.

“O propósito da semente da terra é criar raízes nas estrelas”, essa fala é de Lauren Oya Olamina, personagem da série de parábolas criada por Octavia Butler. Tenho aprendido muito com Lauren e Octavia, o propósito de imaginar o não predeterminado para nossas vidas escuras fazem presente em *Congonghas e as montanhas que sussurram* onde venho moldando e deslumbrado justiça, cura e fuga das extinções. É uma promessa, não seremos extintas, jamais esquecidas, as congonghas brotarão.



Imagem 6: Forno e queima de cerâmica construído com amigos. Diamantina (MG). 2021. Fotografia: Helena Borges

O primeiro capítulo **TREMOR** nasce da necessidade de decomposição de memórias e percepções que me fizeram chacoalhar, transformar, a partir de um diálogo com a terra e minhas memórias. O tremor nasce de dois eventos que ocorreram em agosto de 2021, um deles o terremoto no Haiti provocado por choques de placas tectônicas (14/08) e outro terremoto em Congonhas (15/08) sem causa definida sobre o que teria provocado o tremor. O que a terra diz ao tremer? O que a minha terra da memória precisa dizer? São memórias articuladas segundo uma *poética feminista negra* (FERREIRA DA SILVA, 2019), inspirada em autoras como Beatriz Nascimento, Jota Mombaça, Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Leda Maria Martins, Octavia Butler e muitas outras que são capazes de fabular suas próprias histórias. Tremor é um convite ao universo terroso que fundamenta esse trabalho.

O segundo capítulo **SUSSURROS** é onde conto sobre os aprendizados que chegam por sussurros a partir do diálogo que venho tendo com as congonghas, planta mestra do cerrado. *Escrevivências* (EVARISTO, 2017) sobre os encontros com as mestras e mestres que me ensinaram sobre elas, Expedito Teixeira (meu avô), Dona Nelita e Dona Júlia que com muita generosidade dividiram comigo sobre como reconhecê-las, colhê-las, fazer o chá, tomá-lo e devolvê-las a terra. Às congonghas encantaram o meu olhar e ao procurá-las reconheci a riqueza do cerrado e dos campos rupestres que cresci, através da planta mestra fui capaz de reconhecer a multiplicidade de vida existente nas serras Casa de pedra, Pires, Esmeril e em mim. Os rios, lagos, cobras, lagartos, aranhas, capivaras, pássaros, paisagens, conto sobre as relações, amizades visíveis e invisíveis que tenho feito nesse percurso de criação artística. *Escrevivências* não necessariamente são escritas com desenhos de letras compreensíveis, moldo com barro fósseis dessas histórias e percepções a partir do meu encontro com as congonghas. Moldar a própria terra, ouvi de um amigo artista Tiago Costa que *o chão tem a história toda*. Esculpir histórias, criar fósseis, memórias enterradas, composto dos muitos tempos de constantes decomposições. Imaginando mundos onde nossas extinções não são possíveis.

O terceiro capítulo **QUEIMA** é explosão para a justiça. Conto sobre a feitura de um forno para queima de cerâmica no quintal da casa dos meus pais, onde fui criada, criei em Congonhas Minas Gerais. Os fósseis de congonghas sussurrados aqui são queimados. Seis horas para o barro fundir-se para estado cerâmico com altas temperaturas semelhantes às de um vulcão em atividade, são chamas flamejantes que incandesce o barro e o transmuta. É no outro dia, quando já em cinzas, a cerâmica apresenta sua própria transformação. Beatriz Nascimento diz que o quilombo é uma entidade da terra que acontece em nossos encontros envoltos na escuridão, força viva que pulsa as memórias de sermos imensuráveis e reafirma, a partir de seu acontecimento, os compromissos por nossas lutas por libertação. Não seremos esquecidas, não seremos extintas, somos fundidas à terra.

CAPÍTULO 1 - TREMOR

Tremor é uma série de movimentos involuntários, do corpo à terra, que chega de surpresa e agita a fixidez forjadamente estabelecida. Força que implica no mover descontrolado, impulsivo, intuitivo, aquele que não permite o controle, dominação e a razão. Este capítulo surge a partir de dois terremotos aparentemente sem conexão direta entre eles no mês de agosto de 2021, um deles em Congonhas (MG) território que dedico esse trabalho, terra que nasci que no dia 15 sofreu um abalo sísmico de causas não determinadas que nos apavorou por vivermos sobre o medo contínuo do rompimento da barragem de rejeitos de ferro da CSN (Companhia Siderúrgica Nacional) na Serra Casa de Pedra. Nos dias 14 e 19 do mesmo mês de agosto outro tremor de terra atingiu a ilha que recusa a dominação, o Haiti tremeu em meio a mais uma reviravolta política que passa o país. Não acredito em coincidências e sim em caminhos, sublinho a confluência entre os dois fenômenos terem acontecido no mês de agosto, passagem do tempo essa que para nós que intuímos a vida a partir de fundamentos da ancestralidade africana são dedicada a família dos orixás da terra, solo, subsolo, lama, de Nanã e seus filhos Omolu, Ossain, Oxumaré e Ewá. Esta escrita é um presente a essa família que tenho a alegria de estarem presentes no meu caminhar.

Beatriz Nascimento em um texto chamado *“Volta a terra da memória”* apresenta ideias sobre o quilombo ser uma entidade da terra que surge a partir da memória e necessidade de nós pessoas escuras termos contato com a terra e suas implicações. Tenho entendido terra e memória como sinônimos, onde a terra é o composto de toda vida existente e a memória também participa do mesmo princípio ao ser o composto das vidas que compõem o ser. A escrita a seguir apresenta a memória/terra que habita em mim abalada pelos tremores, estradas de terra que apontam para caminhos diversos aportados que fazem e refazem em mim. São afrografias, nas palavras de Leda Maria Martins, contos comprometidos com as demandas afetivas que tenho atravessado nesse tempo de vida/pesquisa. Sigo a tradição de escrita das mulheres negras, feminismos e transfeminismos negro, racializado, na forma e no conteúdo, afirmo o poder de produção de conhecimentos a partir da experiência vivida. O pensamento dos povos pindoramicos, originários dessa terra também estão presentes em meu ser e estão em composição a escrita. Este texto não seria assim sem os afetos e inspirações das escritas de Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Audre Lorde, Beatriz Nascimento, Jota Mombaça, Musa Michelle Mattiuzzi, Octavia Butler, Cintia Guedes, Elton Panamby, Millena Lízia, abgail Campos Leal, Alla Soub, Castiel Vitorino Brasileiro, Ventura Profana, Jade Zimbra, Terra Assunção, Jo Assunção, Igor Gonçalves, Cidinha da

Silva, Jessica Castro, Pamella Liz, Ailton Krenak, Celia Tupinambá, Geni Núñez, Joel Xakriabá, Salissa Rosa, Kaê Guajajara e tantas outras que compõe simbioticamente o meu ser.

22 de agosto de 2003

Ainda não me acostumei com o barulho que fazem, me assusto todas as vezes que os ouço como um compasso cego que marca o tempo. Não sabemos quando chegaram, estiveram presentes em toda minha vida, como composto na paisagem, tão natural quanto as montanhas que eles carregam. Me lembro de sempre ter que aumentar o volume da televisão quando eles passavam, um som tão alto que até a audição prejudicada do meu pai no processo de fabricação de aço fora sempre capaz de ouvir. Eles cruzam as terras próximas de casa de 20 em 20 minutos, de segunda à segunda. O povo conta que eles serpenteiam as montanhas do *quadrilátero ferrífero*¹, levando consigo os pedaços dinamitados das serras. Não sabemos exatamente para onde as montanhas vão, só as vemos passando, cada passagem demora em média de 5 à 7 minutos. Esse é o tempo máximo que temos para dar adeus. Contam que a terra segue para os portos no Rio de Janeiro (RJ) e em Vitória (ES). Nesses portos, onde muitas das nossas raízes chegaram, se vão o chão que pisamos para os territórios dos que nos odeiam e nos ameaçam dia e noite. Vão para a casa dos *comedores de terra*², daqueles mesmos que chegaram aqui trazendo as extinções para as nossas vidas. A BRANQUITUDE É O METEORO DE NOSSAS EXTINÇÕES. O barulho do terror é gerado pelo contato direto da locomotiva de ferro, símbolo da modernidade projetada no século XIX, em contato com o ferro em forma de trilho. Ferro, sobre Ferro que carrega Ferro. Tudo nossa terra. É um barulho que silencia. É cada trem que não volta viu, é cada trem que não volta...

“ (...) e entre o templo e as catacumbas, está o silêncio de um largo de igreja antiga, o inesgotável silêncio e as mil coisas misteriosas que nele se agitam.” Viagem a Sabará. Carlos Drummond de Andrade.

¹ Quadrilátero Ferrífero região localizada no centro do estado de Minas Gerais com alto índice de minério de ferro e devido a isso tendo uma concentração forte de mineradoras. O quadrilátero ferrífero é responsável por 60% da extração de ferro brasileira, área de 7 mil km quadrados passando por cidades como Belo Horizonte, Congonhas, Itabira, Mariana, Brumadinho, Ouro Preto.

² Comedores de terra em referência ao Davi Kopenawa em A queda do céu quando ele afirma que os brancos se comportam como tatus canastra com suas máquinas não param de escavar a terra, destruir as florestas e liberar a Xawara, doença espiritual causada pela branquitude.



Imagem 7: Locomotiva da MRS, companhia responsável pelo transporte do minério de ferro na Serra Casa de Pedra. Congonhas. 2020.
Fotografia: Walla Capelobo

1 de agosto de 1966

Silêncio!

27 de agosto de 2013

- Os ladrões de axé!

... quando sua energia foi sugada, sensação de extremo cansaço, carregando alguém, sentimento que fiz o trabalho de outro alguém.

13 de agosto de 2021

Caminhei até a cachoeira Santo Antônio, conheço muito essas águas. Desde muito criança eu vou nessa cachoeira, lembro como minha família se preparava para irmos encontrar a mãe das águas... minha mãe e minha tia Néia logo preparavam grandes panelas com frango, farofa, arroz e maionese, tudo muito bem feito. A comida era muito farta, não sei o que elas faziam naquelas grandes panelas, poderia chegar um convidado a mais a qualquer momento que seria bem servido... e exigiam que repetisse, quem gosta mesmo come duas vezes... lembro da alegria de ver as crianças satisfeitas, elas se servem primeiro e logo já se agitam com a energia que receberam... eu acho que não tem alegria maior do que ver seus descendentes comerem... e íamos todos juntos, meus pais, tios, tias, primos, avós. Apenas o meu pai tinha carro, um monza cinza que nos acompanhou por muitas encruzilhadas, e pelo fato de só meu pai possuir carro ele fazia várias viagens para levar todas até a cachoeira... ficávamos ansiosas esperando a próxima turma chegar, sentir virar a última curva que anunciava a montanha cheia d'água. Não tinha emoção maior que o som da pedra sobre a pressão da gravidade sobre o rio, era a nossa diversão, lazer, nossa força. Era nesses domingos que sorriamos e esquecíamos das ameaças...

Tentei chegar na cachoeira hoje e fui impedida, caminhava tranquila pela manhã a fim de cumprimentar a senhora das águas e abençoar meu dia, quando um funcionário vestido azul que contrastava com a pele escura como a minha, me disse que dali não poderia passar. Ouvi surpresa, como assim fecharam esse acesso? Não aceitei de primeira, tentei gingar, negociar uma passagem rápida... mas o funcionário nada aceitava, eu o perguntei se a função do trabalho dele era impedir as pessoas de passarem, e então, ele acenou com a cabeça que sim...recuei, não poderia ameaçar o trabalho de um irmão... nos olhamos e fui embora, sobre a ameaça do patrão não tem solução, nada poderíamos fazer, já existem seres passando fome por aqui... chorei minha impotência. as nossas impotências... fecharam a cachoeira, o que mais querem nos tirar?



Imagem 8: Placa CSN em um dos acessos a cachoeira santo antônio e a serra casa de pedra. Congonhas (MG). 2021. Fotografia: Walla Capelobo.

31 de agosto de 2020

Hoje conheci Dona Wagner artista ceramista residente no quilombo de pinhões na região metropolitana de Belo Horizonte onde tios e tias maternos também residem. A cerâmica de Dona Wagner é famosa pelo mar de montanhas que circulam há décadas. Lá a encontrei terminando uma queima, seu ateliê é aberto na rua e aos poucos vi e fui me aproximando devagar. Respeito e timidez circulam no meu corpo nesse momento, quero dizer muitas coisas mas nenhuma é possível formular, gosto dessa sensação, aquele momento que não há palavra, os sentidos falham e me conforto com o silêncio que comunica. Dona Wagner me mostrou seu forno, me explicou sobre seu forno feito aproveitando o barranco de seu quintal. Histórias de queimas, feitura da massa, cores de terras de morros diferentes, paciência, processos e alegria em ter a vida vivida com o barro. Meses depois Dona Wagner se encantou, ao tocar no barro me inspiro em seus paços, gratidão e até algum dia.



Imagem 9: Forno no barranco de Dona Wagner. Quilombo de Pinhões (MG). 2020. Fotografia: Walla Capelobo



Imagem 10: Dona Wagner e companheiras em seu ateliê de cerâmica. Quilombo de Pinhões (MG). 2020. Fotografia: Walla Capelobo

4 de agosto de 2017

Duzentos anos no futuro, ao ladrão de dados é contato uma história: “se você puder achar uma encruzilhada, qualquer encruzilhada, esta encruzilhada. Se você puder fazer uma escavação arqueológica nessa encruzilhada, você encontrará fragmentos, tecno-fósseis. E se você puder colocar esses elementos, esses fragmentos juntos, você encontrará um código. Desvende esse código e você terá as chaves para o seu futuro. Você terá uma pista e é a frase: conexão com a nave-mãe”

O último anjo da história - John Akomfrah

Estou a dias pensando na passagem do filme O último anjo da história de John Akomfrah, a frase acima citada é recebida pelo personagem “ladrão de dados” a despeito às origens do blues, ritmo criado pelos afrodescendentes na diáspora nos Estados Unidos, esse código escavado em uma encruzilhada liga de alguma maneira as chaves imaginativas presentes nas mais diversas manifestações artísticas, culturais e modos de existências presentes mesmo com todos os processos de apagamento exercido pelos estados coloniais. Já aprendi com o caminho que em caso de dúvida vá em uma encruzilhada, só quem sabe passar por ela tem sabedoria de escolher destino. Fui atrás de uma, para perguntar, escavar as caminhadas que deveria fazer. Parei em uma de três pontas, para conversar com as moças que andam por aí de preto e vermelho. Fiquei parada um tempo, pedi ajuda, deixei um presente e fui embora sem olhar...

... hoje senti que fui respondida sobre uma das chaves que estão presentes dentro da terra vermelha que a encruzilhada de três pontas podia me dar... tenho me dedicado a estudar a história de Congonhas, essa terra que encarnei, fui atraída para um livro chamado “*Carta arqueológica de Congonhas*” organizados pelos arqueólogos Alenice Baeta e Henrique Piló onde apresentam um rico estudo sobre sítios arqueológicos presentes na cidade. Surpresa e encantamento são despertados em mim ao me conectar com as imagens de objetos cerâmicos produzidos antes da invasão colonial, dos povos carijós, originários dessa terra. Os objetos fragmentados contam uma história que apenas a terra foi capaz de guardar... ganhei esse presente ao escavar de uma encruzilhada, sei que não estou inventando nada, estou continuando...

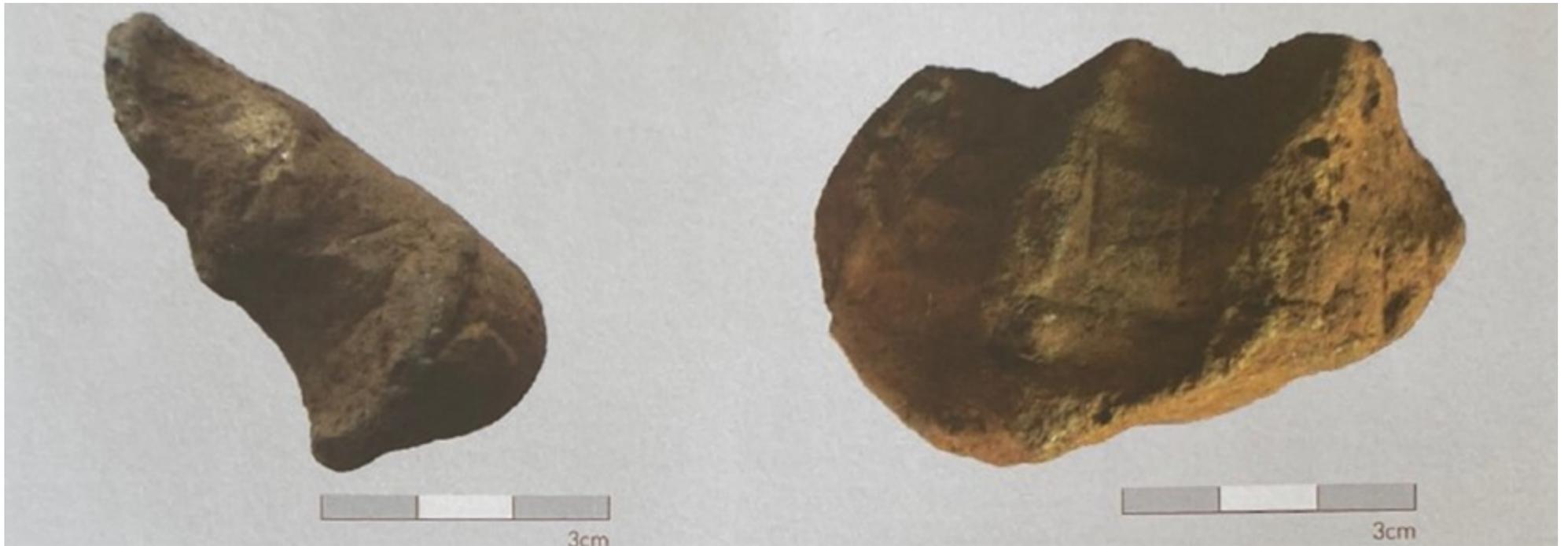


Imagem 11: Fragmento de massa cerâmica com digitais atribuídas à tradição Aratu-Sapucai (anterior período colonial). Sítio Arqueológico Madrugá/Congonhas(MG). 2015. Fotografia: Alenice Baeta.

12 de agosto de 2019

- *Hoje soube que as montanhas virão munição de revólver.*

Tenho procurado maiores informações sobre o surgimento dos empreendimentos de mineração de ferro em Minas Gerais, especificamente no então chamado quadrilátero ferrífero, região que concentra grande quantidade de ferro no solo. É datado que desde o final do século XIX já se especulava sobre a riqueza mineral existente na região. É em meio a uma rede complexa dos funcionamentos do capitalismo globalizado, conflitos armados e violência extrema que surgem na ditadura Vargas no Brasil as maiores mineradoras do território: a CVRD (Companhia Vale do Rio Doce) e a CSN (Companhia Siderúrgica Nacional), ambas responsáveis pela exploração do reino mineral. As duas empresas nascem nos anos 40 do século XX, momento esse de grande destruição planetária. A segunda guerra mundial explodiu no território da metrópole colonial o cotidiano das colônias, rastros de extinções a todos os seres que não estavam relacionados ao desejo subjetivo da branquitude em expansão de poder. É feito um acordo entre a ditadura brasileira e as nações imperialistas dos Estados Unidos e Inglaterra, onde é negociado o patrocínio, financiamento, capital necessário para a eclosão da CVRD e CSN em troca da priorização da venda no minério de ferro a essas nações. Não é coincidência que no momento em que o planeta passa por um grande conflito armado seja necessário o ferro para produção de munição e armas. A indústria da guerra e da mineração são farinha do mesmo saco, ou seja, não são separáveis em si. Vejo a Serra Casa de Pedra, essa submetida ao poder da CSN que começa suas atividades em Congonhas no ano de 1941 e imagino o destino levado dos primeiros montantes de terra levado a essas nações protagonistas dessa guerra, virou bala, virou revólver.

15 de agosto de 2021

No domingo à noite a terra tremeu, o chão chamou, tremulou, mexeu, balançou, movimentou de lugar, a terra pulou. O frio atravessa a barriga, será sinal da barragem? Era início de madrugada e um tremor de 2.1 graus na escala Richter atingiu as montanhas de ferro de Congonhas (MG). Convivemos ao lado da maior barragem de rejeitos da mineração de ferro do mundo e o medo assola nossas existências. O que fazer se ela se romper? O que me deixa mais triste é saber que nem isso seria capaz de rever a atividade extrativista pois nem no dia do

rompimento em Brumadinho, cidade vizinha, o trem carregado de minério parou de circular. Não é a primeira vez que treme, segundo estudos sismológicos da UNB afirmam que apenas no ano de 2019 Congonhas tremeu mais de quarenta vezes. O desespero é cotidiano, o sono difícil e a teia que estamos presos não para de criar fios de contenção. As empresas mineradoras nos pressionam a vida toda, dependemos dela para comer, controlam os serviços de saúde, financiam campanhas políticas, regulam as leis ambientais, nos retiram a soberania sobre o nossos territórios e nossas próprias vidas. Na minha família quase ninguém consegue dormir mais sem remédios e tem vivido com pressão alta, hipertensão, doença essa que assola principalmente pessoas pretas. O que faz um coração acelerar? Viver em hipertensão? Que vida criaram para tornar as nossas existências impossíveis? O clima da área mineral é o caminho desértico das extinções... e a terra vem tremendo, anunciando que jamais foi dominada. Nessa história torço por nossas vidas impossíveis que são capazes de mesclar aos mares de lama. As mudanças estão a caminho, nem sempre foi assim e não será para sempre. Se até a terra move o que não se pode mudar/mover? *E o chão vai tremer... restituição!*³

6 de agosto de 2012

Vivo uma pandemia, por isso eu realmente não esperava passar durante a travessia que me foi dada a viver. Hoje já convivo com um vírus quase controlado, onde os índices de morte começam a diminuir após um lastro enorme de desvida que fomos acometidas. Desde o início das medidas de segurança contra a propagação do vírus da covid-19 peço ao senhor da cura e da doença proteção, sigo firme, vacinada, espero que o pior já tenha passado. Em uma conversa com minha amiga Pamella Liz (sanitarista da Fiocruz) sobre o coronavírus, ela me chamou atenção sobre alguns estudos que apontam a relação direta entre a pandemia que vivenciamos e a exploração da terra. Em 2012 um médico chinês produziu uma dissertação de mestrado onde pesquisou sobre uma doença ainda sem nome, com características similares às que hoje entendemos como covid, acometido a funcionários de uma mina na China. Os mineiros apresentaram febre alta, tosse seca, falta de ar e foram tratados na época sem o conhecimento sobre o causador da infecção. Oito anos depois, Wuhan, cidade próxima a

³ Trecho da música `` *Restituição*'' da artista visual Ventura Profana.

Nos olhamos, sinto que ele quer me falar alguma coisa, então falo com ele:

- Você morava aqui? - sim, nessa rua....

Me apontou para uma rua já tomada pelo matagal, a CSN retirou todos os moradores do bairro Plataforma, primeira medida resposta ao caso do rompimento da barragem em Mariana. Ali apenas os restos de uma vila habitada de seres que prestavam serviços à empresa mineradora e que tiveram nenhuma autonomia no processo de desocupação do espaço. Ele me pergunta:

- Onde você mora?
- No Cristo Rei. Respondi.
- Daqui a pouco vai ser a casa de vocês.

Nos olhamos, ele resmungou sobre seu cavalo. Foi embora. Fiquei lá dançando sobre os escombros de um futuro próximo.



Imagem 12: Bairro Plataforma. Congonhas(MG). 2021. Fotografia: Walla Capelobo

23 de agosto de 2021

Hoje, mais de três anos depois do rompimento da barragem do córrego do feijão em Brumadinho (MG), foram encontrados mais dois corpos no solo que ainda não se curou. O crime ocorreu em 2019, quando grande parte dos funcionários da Vale do Rio Doce foram surpreendidos com um mar de lama impossível de escapar. O cheiro das extinções ultrapassou Brumadinho e uma nuvem densa de desgraça atordoou dias inteiros de nós que sabemos que poderia sim ser conosco. É possível mensurar a dor de uma tragédia? E o valor das vidas de animais humanos e não humanos, plantas, rios, terra, ar? Aparentemente a mineradora já tinha os cálculos dos preços das indenizações caso algo assim acontecesse. Na época do ocorrido, o então presidente da Vale Fábio Schvartsman disse que a empresa ecocida é *“uma joia brasileira”* e que não poderia ser condenada por mais um crime ambiental. Lembro logo do pensamento de Denise Ferreira da Silva sobre o valor no mundo como o conhecemos está implicado na expropriação de terras indígenas, séculos de trabalho escravo, na continuidade da constituição de um mundo anti nossas vidas não brancas. Nós somos as jóias aos olhos deles, entre nossas peles escuras e o mineral extraído pouca diferença se tem, entre a raiva e o desespero escolho tentar não ser um objeto.

O movimento ambientalista tem chamado zonas de sacrifícios determinadas localidades onde existe um alto índice de empreendimentos industriais que geram desastres ecológicos. O termo zonas de sacrifícios surge no movimento de Justiça Ambiental nos Estados Unidos no final dos anos 80 quando as agentes da organização concluíram uma pesquisa onde constataram que todos os depósitos de lixo tóxico estavam localizados em áreas de habitação da população escura. Desde então é ressaltado a importância de cruzamento entre as lutas anti racistas e ambientalistas, entendo que a degradação do meio ambiente é mais um tentáculo do racismo. Voltando a Minas Gerais a história não é muito diferente, as/os/es atingidas/os/es dos crimes da Vale tem cor, somos as da cor da terra e como ela roubadas as nossas agências.

Aqui digo que não estou aqui para ser sacrificada em prol desse mundo, luto por sua destruição, sonho com o dia que tudo será enterrado outra vez.

Meu profundo respeito a todas as atingidas/os/es.

26 de agosto de 2021

Hoje choro de novo, já conheço essa dor, já me assolou algumas vezes, chega de surpresa, sempre inesperado e deságua os sentimentos de amor que não é possível mais ser dado no estado físico da matéria. Tenho 29 anos e já chorei muito as vidas de contemporâneas de encarnação, destino marcado, eu sofro sua perda e juro te honrar em continuidade. Perdi um grande amigo no mar pandêmico causado pelo coronavírus. Gustavo, um amigo de infância, creio ter sido um dos poucos homens cis hetero que nunca tenha me agredido, sempre muito amigável, escuras no meio da branquitude que nos cercava, artista que me fez chorar ao ouvir as notas tiradas em seu trabalho incompleto sobre a serra do pires, pedaço de terra minerado pela Vale em Congonhas. Gustavo é uma das pessoas que mais trocava sobre esse trabalho que aqui escrevo, ele afirmava que *a mineração é o cancer de Minas Gerais*, sentíamos juntas a dor de ver a terra partir. Foi você amigo que me levou e apresentou o MAB (Movimento dos atingidos pela barragem) em Congonhas, me alertou sobre as diversas congonghas, me enviava quando teria ação pela luta contra a barragem casa de pedra. Hoje me dói muito continuar sem você amigo. Prometo continuar, não desistir, hoje você é meu ancestral. Encantou!

7 de agosto de 2003

... hoje foi a última vez que vimos uma congonha laranjinha.

No território onde hoje está Congonhas nas montanhas das Minas Gerais é contado a história da existência de cinco qualidades das congonghas, plantas mágicas do povo velho. O povo velho conta que elas serviam de cura de muitas moléstias, incluindo as da alma daqueles que desanimaram com os extrativismos das terras. A congonha laranjinha foi a primeira a sumir, quase ninguém a viu mais. Só vê na memória, terra onde não podem dominar e lá espero conseguir brotar o que não pode faltar na vida do cidadão.

30 de agosto de 2020

Ensino pela primeira vez a fazer uma composteira de garrafa

... vivendo a pandemia de covid-19, o medo da doença e da morte assombra nossas cabeças. Estou isolada em um apartamento na Lapa, centro do Rio de Janeiro, a exatamente 366 km de distância da minha terra, dos meus pais e da minha família. temi por mim e temia por eles, não conseguia conceber viver sem seus abraços, seu calor e companhia, pedi a deus todos os dias que nos poupassem. Logo decretaram que nem todos os corpos poderiam se isolar e esperar o controle da pandemia, declararam serviços essenciais, aqueles que poderiam ser sacrificados pelo bem comum, pela manutenção de uma normalidade desejada... que desgraça, toda minha família é serviço essencial, os comedores de terra da mineração não poderiam parar... para que nossos cabos online funcione é necessário que nosso sangue seja exposto nas minas. Não tem escolha, mais uma vez sinto o peso de ter a humanidade questionada... o que dão direitos a vocês a escolher quem pode se infectar ou não? Mais uma vez me sinto destruída por esse mundo e as impossibilidades das vidas escuras nele prosperar. ligo pro meu pai e sou tranquilizada por ele, me diz que desde quando sabe de si a vida é assim, me mandou ficar calma e atenta, nós vamos sobreviver.

Passei dias inquietos, absorvendo o máximo de informações possíveis sobre o vírus responsável pela pandemia, as medidas sanitárias, teorias das conspirações, filósofos e religiosos sobre o momento vivido. Me dediquei também ao estudo de ecologia, parte de estudos que já tenho feito a partir de vivências em agroecologia, o estudo das relações me interessa e começo a fabular maneiras de compreender uma vida que está implicada com os seres invisíveis e atenta que mais um desses seres seria capaz de findar minha vida. Nessa fome por terra que estava isolada em um apartamento faço, graças a vídeos no youtube e sites com informações preciosas, minha primeira composteira de garrafa. Eu não tinha muito espaço disponível mas ansiava por uma floresta, resolvi tentar e com o cheiro do sangue preto do chorume vi tudo que eu botei a mão brotar.

... meses depois, hoje, tempo presente de deus, ensino pela primeira vez a fazer essa escultura de tempo em forma de composteira em garrafas pets. tenho desenvolvido um projeto chamado “Composteiras: Saberes regenerativos com Beatriz Nascimento” na companhia da minha mana, artista, Millena Lízia, ao qual temos nos debruçado nas transformações da terra e das movimentações férteis herdadas da pensadora ancestral Beatriz Nascimento que de generosidade quilombola nos deixa caminhos de reconhecimento das nossas humanidades roubadas e aponta com flechas trilhas de fugas rumo aos quilombos que nos pertencem. hoje sorrio pela tecnologia simples de ver a terra surgir ser capaz de ter me dado forças para vivenciar mais uma grande tragédia orquestrada pela nação eugênica brasileira... a terra me

mostrou que tudo está em movimento de transmutação, não adianta se apegar, vai acabar e vai transformar no que precisa ser vivido. encaro a morte de outra maneira, dimensão essa vivida depois de meses ensinando a fazer composteiras, sinto que tenho compromisso com a morte e logo com a vida. só sabe viver quem sabe morrer. que esse mundo anti vidas escuras se decomponha para experimentarmos a fertilidade que nos foi roubada.



Imagem 13: Minutos antes do curso que ministrei durante o estágio docência onde com os alunos da graduação em Artes Visuais (IACS/UFF) compusemos composteiras. Rio de Janeiro (RJ). 2021. Fotografia: Walla Capelobo.

9 de agosto de 2019

Ida ao Quilombo da Boa Morte em Belo Vale/MG com meu pai, avô e tio Marquinho

Fui ao quilombo da Boa Morte com meu pai, avô e o tio Marquinho. A poucos quilômetros de casa fica o quilombo da Boa Morte, que pertence ao município vizinho de Belo Vale, um dos primeiros vilarejos da forjada Minas Gerais do século XVII. Chegamos e fomos direto para a igreja de Nossa Senhora da Boa Morte, estava fechada, ficamos conversando tentando imaginar lá dentro. Para chegar ao quilombo é preciso passar por uma estrada bem sinuosa, a cada curva é possível ver a ribanceira que se pode cair. O quilombo ta no alto, um lugar vasto de vista, de paisagem cheia de verde que cura o caminho. Não pude em momento nenhum esquecer de Beatriz Nascimento, intelectual brasileira que dedicou seu precioso tempo de vida estudando sobre o negro na sociedade brasileira, os quilombos e nossas tecnologias civilizatorias. Beatriz escurece o caminho enaltecendo o quanto o modo de vida quilombola é aquele ligado à terra, integrado ao cosmo. Beatriz também nos deixa a possibilidade de imaginar os quilombos como de projeto de nação, exemplificando a partir do quilombo de Palmares e seu sucesso em termos de empreendimento, organização e manutenção das vidas. A luta pela liberdade é um legado que carregamos, sabemos o valor da vida e recusamos a desumanização, a existência quilombola é a possibilidade de vida nos dias de destruição do mundo anti escuridão que vivemos. Quilombo é espírito, fenômeno escuro que acontece em qualquer tempo espaço que existamos. Quilombo é a vontade de estar na cachoeira, mergulho de mar e pé na lama. Quilombo é justiça, muita alegria e nas palavras de Antonio Bispo os quilombos são territórios saberes circulares que confluem com os cosmos... foi bom estar com meu pai, avô e tio Marquinho no quilombo da boa morte, os longos silêncios e arrepios deram conta de comunicar que nós voltamos quando quisermos para casa.

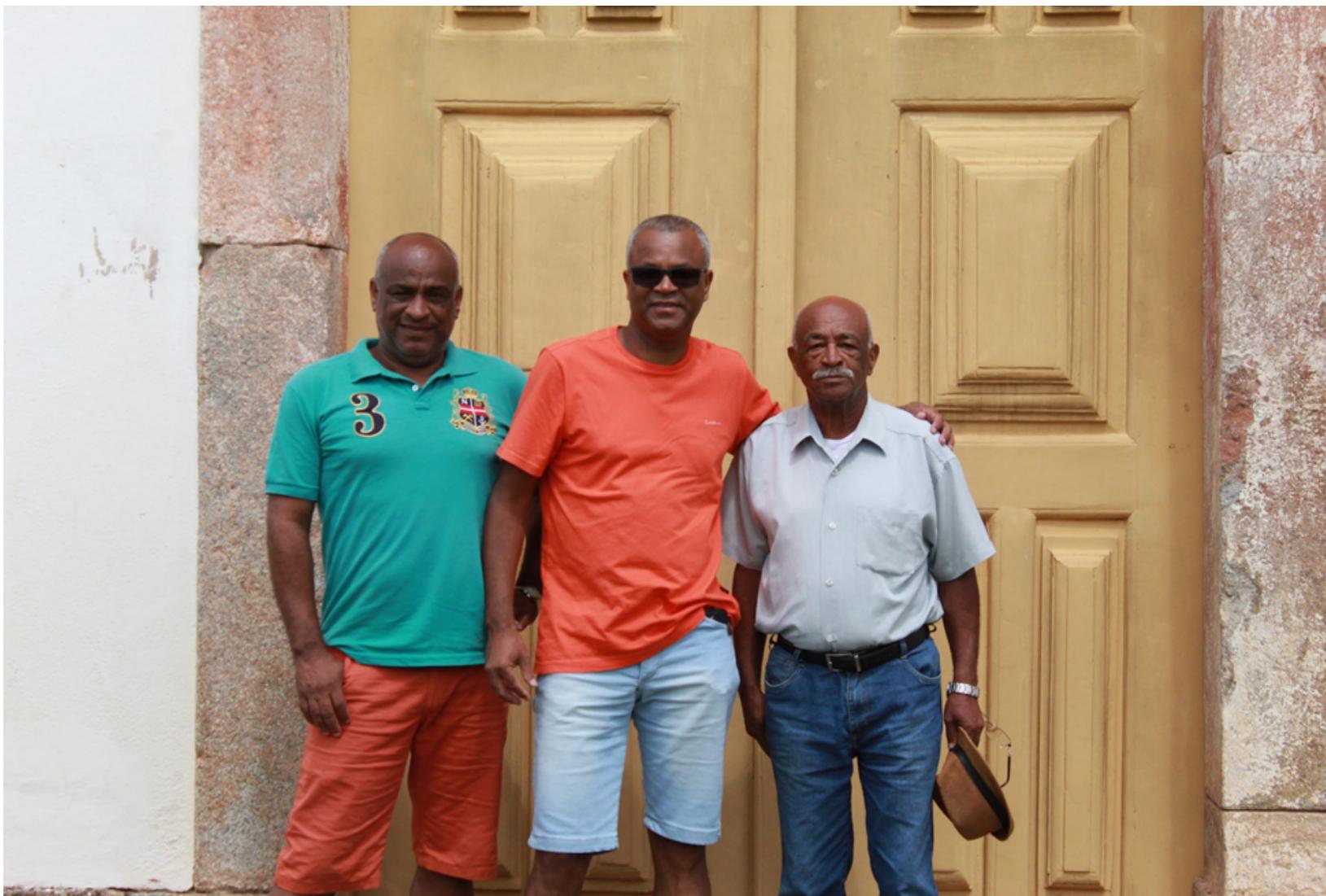


Imagem 14: Tio Marquinho, Marcelo (meu pai) e avô Expedito. Quilombo da Boa Morte (MG). 2019. Fotografia: Walla Capelobo

11 de agosto de 1856

Fui procurar saber/lembrar dos povos que são filhas da terra vermelha de ferro que também sou feita, o desejo pela escrita que agora aqui faço nasceu para sanar a minha sede por conhecimento sobre as congonghas, plantas do cerrado que produz chá curativo que eu apenas havia ouvido falar. Uma das primeiras coisas que me chamou atenção foram os significados atribuídos às congonghas derivado de uma língua originária, a chamavam de congöi e em tradução não livre do olhar colonial significa “o que sustenta, o que alimenta”. Me atento a tradução pois são referidos ao grande tronco linguístico tupi-guarani, conjunto sistematizado de linguagem para tradução e comunicação com o português. Não possuo os conhecimentos suficientes para concordar ou discordar da tradução, porém intuo que esse não é o caminho que me levará aos saberes que julgo importante para esse trabalho e logo sigo outra rota para me aproximar dos povos e significados dados pelos habitantes originários às congonghas. Começo uma pesquisa sobre a etnia que testemunhou o colonizador chegar, são eles os povos carijós, os povos que circulam as serras mares azuladas. Não é de surpreender que a pesquisa sobre os carijós seja interpelada pela história oficial do seu desaparecimento, dado que afirma a extinção dessa etnia já no final do século XVIII e meados do século XIX. Na invasão pelo impulso de devorar a terra por ouro os bandeirantes os chamaram de pretos da terra ou gentil da terra e logo os submeteram à escravidão. O artigo de Renato Venancio nomeado “*Os últimos carijos: escravidão indígena em Minas Gerais: 1711 - 1725*” apresenta uma série de documentos tutelados pela arquidiocese católica de Mariana (MG) sobre a compra e venda de pessoas ao trabalho forçado, lá é possível perceber a diminuição demográfica dos carijos em função das negociações escravagistas. Sinto raiva dessa história, não consigo compostar facilmente tais documentos e sua formalização escrita. O clima de perdão mineiro me irrita mais do que o normal e sigo em busca de informações sobre os meus ancestrais desta terra. Por vias oficiais apenas o apagamento sistêmico, não confio nessa direção, no filme Ori de Beatriz Nascimento Exu aconselha “*é bom confiar desconfiando*” e esse ensinamento vibra em mim nos momentos mais aleatórios e essa história é um desses momentos. Cresci em uma rua com dois grandes pés de urucum, os reconheci faz alguns anos e desde então diálogo com elas e ganho suas sementes. Ailton Krenak no programa Roda Viva da Tv Cultura afirmou que *o pardo é uma invenção do estado brasileiro para o apagamento indígena*, trazendo à tona mais uma vez a função Brasil de ficções raciais a fim das extinções da não branquitude. Me observo, não desejo me afirmar em nada por desconfiar de todas as classificações imaginadas fundamentadas na modernidade... mas além, onde não

é brasil, pulso a sonhar com as pedras e também desconfio que não fomos extintas. Não tem como apagar aqueles que estão em todos os lugares que são suas casas.

20 de agosto de 2014

Estava nervosa, sabia que um grande encontro aconteceria em um futuro breve. Minha amiga Igor/Rastricinha me fez o convite de nessa existência voltar ao solo sagrado que nos regem, mesmo com parte da minha família iniciada (tanto paterna quanto materna) eu nunca tinha ido à um Ilê, casa de axé. A hora de ir chegou e já estava devidamente arrumada para o ocasião, esperava a amiga chegar como quem esperou anos por esse reencontro nesse presente. Fomos em direção a uma linda casa no bairro da Taquara, zona oeste do Rio de Janeiro, onde da rua já era possível sentir a vibração dos atabaques que convidam a comunidade a participar do banquete que iríamos vivenciar. Arrepios me dão boas vindas ao passar pela porta, minha cabeça imediatamente me levam a minha bisavó Iracy que sempre estava com lindas vestimentas douradas e era chamada de vovó chorona por causa da sua voz manhosa e meiga que carregava segredos que salvaram vidas por onde passava. A bisa Iracy era iniciada a Oxum a muitas décadas e tenho lembranças de passar dias com ela e seus desenhos, ela dizia que o que estava no papel correspondia no real, me mandava ter cuidado com as palavras e as imagens pois as cartas (coisa que ela amava enviar e receber) são elementos capazes de gerar saúde ou matar uma vida. Com sua lembrança vívida em minha mitocôndria, segui o beco escuro até um lindo salão de chão batido. Sentei em um cantinho onde a espiral me pegou, a cabeça zonzou quando o senhor da terra chegou no salão para sua grande noite de festejo. Era OLUBAJÉ, comida do rei da terra, dia de celebrar a saúde. As palmas e o sorriso não saíram de mim, empolgada ao sentir todos vocês comigo. Quando não esperava fui chamada a um abraço, chorei aos seus braços as nossas memórias, relembrei das nossas presenças. Comi como uma rainha que sou, todas as comidas que são merecedoras do banquete ao rei da terra. Desde então não sai mais do espaço sagrado do axé, meu ori se acalma ao seu toque e sempre me faz sentir o tremor que a vida é capaz de gerar. Já dormi ao seus pés meu querido Obaluaê, e peço todos os dias para honrar a terra que piso pois sei que você é tão vivo quanto eu. A terra fez trilha de raízes para voltar ao futuro das nossas existências. Vivo por nossas continuidades. Obaluaê, babalorixa ê!

24 de agosto de 2021

Parei em frente à televisão antiga e entristeci ao saber da seca que atinge o rio paraguaçu na Bahia. Assisti a reportagem com um frio na barriga, a falta d'água é desafio demais para a vida. Eu conheço o rio paraguaçu, o vi movendo suas grandes marés nas cidades de Cachoeira e São Félix, foi lá que muito do que sinto que sei hoje aprendi. Dois grandes rios nascem na chapada diamantina, interior da bahia, o rio de contas e o paraguaçu, rios esses amplamente utilizados no período colonial, onde as pedras preciosas escoavam em seus leitos para levar adiante além mar alguns pedaços das nossas montanhas. No Vale do Capão, pequeno vilarejo na chapada diamantina, realizei a performance *pele diamante (2018)* onde fui perfurada com dez agulhas com miçangas prateadas nas costas, onde pele e pedra materializam-se em um mesmo ser. A história da expropriação de terras na Bahia ou em Minas Gerais perpassa pela expropriação extrema da força energética dos seres escuros viventes ou trazidos como recursos às áreas onde a destruição chega com total força. O que vale mais, a pele ou o diamante? Ou as duas fazem parte do mesmo valor abstrato? Vejo as pedras e me reconheço nelas, sei o que é ter a vida questionada como as delas. Entre **natureza** e **raça**, pouca diferença existe, me atrevo a dizer que são quase sinônimos, são conceitos criados pela supremacia branca que permite a exploração e anulação da agencia de ser/estar dos que a esses conceitos são submetidos. A cosmogonia cristã ocidental atribui que os humanos são imagem e semelhança do seu criador e a partir disso idealizam um mundo a servir ao senhor, logo, tudo que foge a imagem e semelhança de tal criador é entendido como recurso de servidão. Eu, pessoa escura que aqui escrevo convivo com o questionamento mutável quanto a possuir/pertencer ao clã dos seres possuidores de humanidade e é questão de séculos anteriores estaria mais próxima a classificação biológica de seres inorgânicos do que os orgânicos possuidores de vida/alma. Como o reino mineral não é vivo? A água pertencente a esse reino definido pela biologia como não possuidor de vida, porém, como é concebida essa percepção sobre essa dádiva que permite estar aqui? As rochas, como a água, também pertencem a um ciclo complexo de vida, desde o fogo ardente do núcleo planetário à erosão causada pelo vento nas altas montanhas são tomadas por uma dança cósmica que somos convidados a prestigiar e participar. Gosto muito quando Antonio Bispo, líder quilombola piauiense, diz que o mundo ocidental é cosmofóbico, impede a percepção dos seres que estão em profunda relação com nossas encruzilhadas vitais. Nessas águas escuras da chapada diamantina pude conversar com os rios, me lembro do medo do mistério da noite que me chamou aos sonhos lúcidos. E o rio de contas, esse que também nasce na chapada diamantina me balançou pelo ar quando participei do grupo de estudos promovidos pelos companheiros do *Praticas*

Desobedientes ligades a UFRB (Universidade Federal do Recôncavo Baiano) onde trocamos maneiras de existências capazes de gerar essa escrita e essa vida que pulsa a partir dos meus dedos nesse texto. Sou grata a esse território, torço pelas volta das águas. Grande saudades amiga, Baga de Bagaceira, eterno amor.

8 de agosto de 2021

Eu danço, Beatriz Nascimento me encantou e me lembrou que posso ser o que quiser, somos imensuráveis.

19 de agosto de 2021

Hoje a terra voltou a tremer na ilha que insiste em não ser domada. Relatos contam que não foi possível se manter em pé, o chão exigiu que as cabeças voltassem a ele. Na terra do feitiço, desde os tempos em que a febre amarela ceifava apenas colonizadores, mais um recado foi dado, o chão move, tudo muda, nada é estável. Os zumbis caminham por calçadas marcadas pela insistência da dominação e onde o chão mexeu levando consigo seus filhos. Os especialistas das ciências da terra dizem que o Haiti é um território propício a terremotos, em cima de placas que de tempos em tempos sacode. Já é tradição a ilha enviar recados ao mundo colonial, alertando que o projeto de dominação nunca foi completo e que por debaixo de zumbis existem forças capazes de derrubar tudo e começar de novo. Respeitem a terra. Eu quero ver quando Zumbi chegar!

3 de agosto de 2021

Pinturas parque do Ibiribiri Diamantina/MG

vivencio outra vez, começo a tremer e me sentir febril com tanto sol na mulera. Os sons agitam, vibram nas porções de água ao entorno, aqueles pássaros mais uma vez gritam para não esquecer os gemidos dos tempos das nossas velhas pedras. É seguindo o rio das velhas

minha filha. É a pele do mundo. Lembro do rastejar da cobra que já me seguiu. Te vejo e revivo o que não tive a oportunidade de saber, é um reencontro, desejo de sempre estar perto, de viver isso, o futuro só pode ser assim. Encaro os seres ali materializados, vermelhos na pedreira amarelada...tatu, jacaré, onça... tenho grande respeito por vocês, a serenidade que desejo. Esse lugar é encantado, encantado.



Imagem 15: Pintura rupestre no Sítio Arqueológico Sentinela. Parque Estadual do Ibiribiri (MG). 2021. Fotografia: Walla Capelobo.

10 de agosto

Para aquele que não se pode olhar nos olhos diretamente, dizem que assusta.

Ao tempo.

29 de agosto de 2007

Recebi uma mensagem da minha amiga, também ceramista e artista Helena Borges me convidado para construir um forno para queimar cerâmica em Diamantina (MG), não pensei duas vezes e fui. Nos encontramos em Belo Horizonte e cinco horas depois estávamos na cidade de Xica da Silva. Lá reencontrei uma amiga também ceramista e artista Marianna Chiari para construirmos o forno e queimar nossas peças. Nenhuma de nós nunca tínhamos feito um forno e uma queima da maneira que fizemos. Construimos por nossas intuições fertilizadas por uma publicação do grupo de estudos em artes da terra Gesto/UFMG que contém informações fundamentais para elaboração de um forno e suas multiplicidades de formas, possibilidades e desejos. Estudamos e nos inspiramos nos conhecimentos de um dos povos originários xakriabás, em especial no trabalho de Joel Xakriabá professor de artes da Escola Estadual Indígena Bikinuk em São João das Missões (MG). Joel assina a direção com Edgar Correa Kanaykõ do longa *“DURE NÃT SARÕ: Manter aceso: a queima tradicional da cerâmica xakriabá”* onde apresenta os processos de feitura do seu trabalho, desde a retirada do barro, feitura das peças com sua mãe e a queima. Esse trabalho me comoveu muito, importante documento dos saberes ancestrais desse território, suspiro de justiça acessar essa memória. Construimos um forno de buraco, o mais complexo por sua simplicidade dos fornos e o mais antigo que temos conhecimento de existência, cavamos, revertemos com barro, capim, pedras... árvores secas recortes em lenha, muitas delas, o facão na cintura e o cheiro das candeias do cerrado sertão do vale do jequitinhonha. Seis horas de fogo, meus olhos tremulavam alegria, vidrada ao encanto das chamas... longos silêncios. Sono profundo e uma manhã de recordações. Terra indígena. Meu profundo respeito aos povos que compõem esse território Araná, Catu-awa-arachás, Kaxixo, Kariri, Krenak, Maxakali, Mucuriñ, Pankararu, Pataxó, Pataxó-hã-hã-hãe, Puris, Tuxá, Xakriaba e Xukuru-kariri e todas aquelas outras que os nomes não estão no registro oficial do estado de Minas Gerais. Aqueles que lembramos e intuimos. A chama está acesa.



Imagem 16: Joel Xakriabá com cerâmica. São João das Missões (MG). 2021. Fotografia: Tales Bedeschi.



Imagem 17: Detalhe forno construído em coletivo, antes da queima. Diamantina (MG). 2021. Fotografia: Walla Capelobo



Imagem 18: Queima. Diamantina (MG). 2021. Fotografia: Walla Capelobo.



Imagem 19: Manhã após queima. Diamantina (MG). 2021. Fotografia: Walla Capelobo.

5 de agosto de 2021

Marco Temporal

Todos os dias eu acordo e me deito enfrentando o brasil, essa nação que significa exorbitantemente usurpação dos territórios dos povos originários, escravidão africana e de seus descendentes, supremacia branca e machulência violenta. Sempre desejo seu fim, brasil são as nossas extinções. Hoje meu sentimento não é diferente, me levanto já atenta que irei ao encontro de muitas que também desejam frear os objetivos do brasil. Hoje o supremo tribunal federal, instância máxima da justiça na nação, votará sobre o “marco temporal”, que nada mais é que uma nova maneira burocratizada de expropriação das terras dos povos originários aldeados. O absurdo é tamanho que homens e mulheres brancas do judiciário estão a fazer textos e mais textos que são capazes de justificar que as nações indígenas devem ou não serem reconhecidas os seus territórios a partir de 1988, ano esse que a constituição federal reconheceu essas pessoas como pertencentes à nação brasileira, quase 500 anos depois da invasão de chão. Trata-se de pensar que não há dúvidas sobre quem são os povos que dessa terra descendem e logo se é para pertencer a alguém que seja a dessa gente que flui nela. Estamos vivendo o tempo de todas as extinções, o projeto de homogeneização segue a toda velocidade logarítmica e a sede por destruição da terra segue em curso. O marco temporal tem entre alguns dos objetivos o de minerar reservas indígenas, uma das poucas áreas nesse chão ainda preservadas e livres do empreendimento estratificador. A justificativa para esse absurdo é um velho conhecido, o progresso, promessa de desenvolvimento, sempre mirando um futuro melhor que o presente... mas esse futuro não chega, o que chega é a violência extrema desses empreendimentos nos territórios invadidos, levando a exploração do chão, dos corpos femininos, corpos escuros, alcoolismo e outros vícios trazidos nas caravelas. Chego a um grupo de pessoas, diversas etnias originárias, aldeados, ex-aldeados, das periferias, reunidas para gritar a nossa revolta com mais uma tentativa de usurpar o nosso território. Maracás, amigas de anos envolvida em atividades na aldeia maracanã, força, cantos, fogo, justiça, estamos aqui. Caminhamos pelo centro da cidade, eu mesma não conseguia conversar com ninguém, estava séria observando tudo e feliz por eu estar no lugar onde eu queria e deveria estar. Acredito que sigo as raízes cruzadas há muitos tempos. O absurdo do marco temporal acabou não sendo votado no dia também pela pressão existente em Brasília, mas o recado foi dado, essa terra jamais foi conquistada.

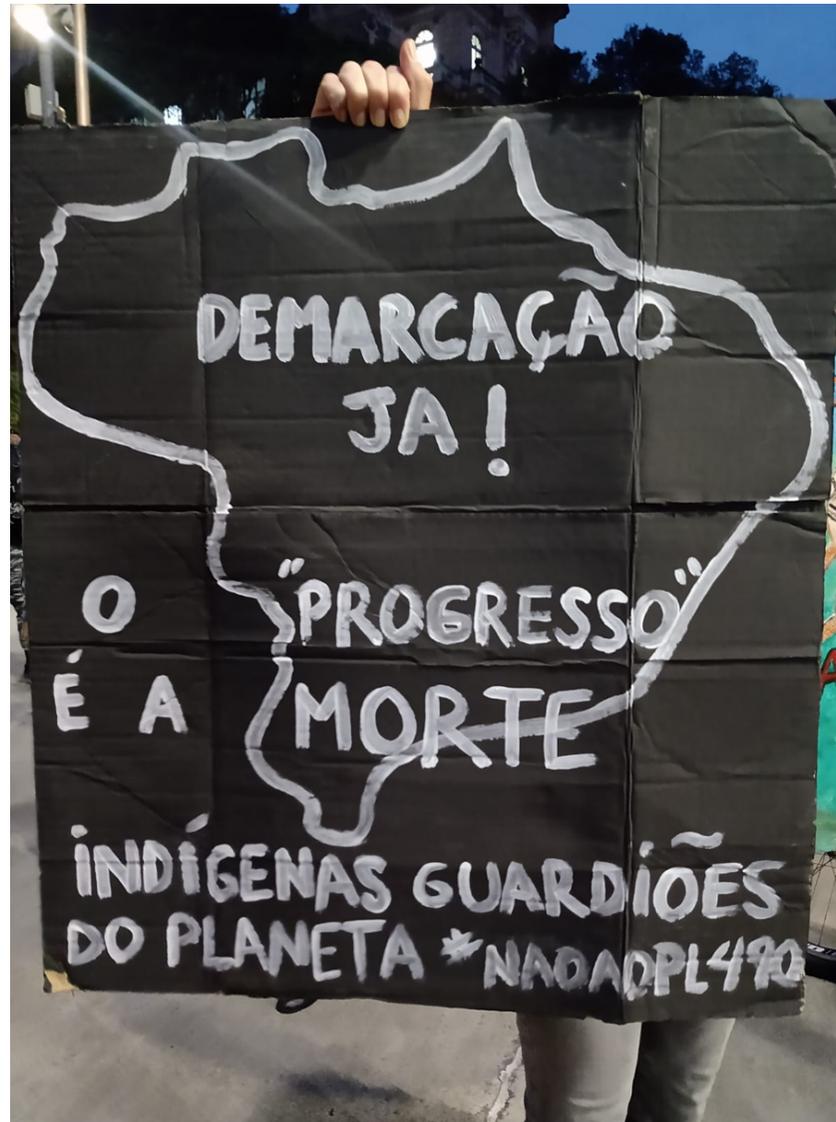


Imagem 20: Cartaz protesto contra o absurdo do marco temporal. Rio de Janeiro (RJ). 2021. Fotografia: Walla Capelobo

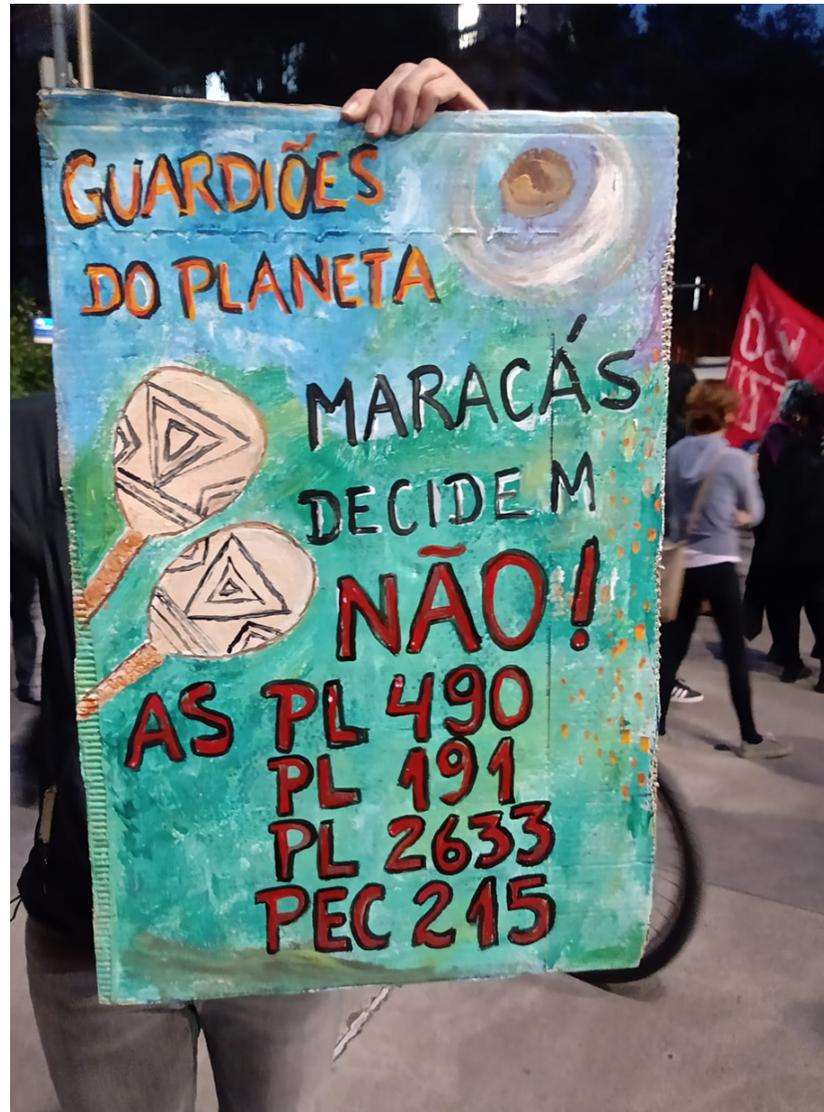


Imagem 21: Cartaz em protesto contra o marco temporal. Rio de Janeiro (RJ). 2021. Fotografia: Walla Capelobo

16 de agosto de 2029

O destino da semente da terra é criar raízes nas estrelas

Parábola dos talentos - Octavia Butler

O ferro circula dentro de nossas veias e artérias, rios vermelhos que carregam as moléculas de oxigênio nas menores partes do nosso todo. Sem o ferro essa gira não seria possível, é na junção entre ferro e oxigênio que o fenômeno de estar em vida pode ser experimentado. Presente em vários meteoritos que caíram em órbita terrestre, o ferro é ser mágico que percorre o cosmo, um dos elementos mais presentes em nosso planeta e em outros do sistema solar. O núcleo planetário é composto de ferro incandescente fervendo noite e dia, seu ciclo o leva para a superfície terrestre pelos vulcões que explodem lavas vermelhas como o chão que nasci. Seu acúmulo milenar geram as montanhas, cordilheiras que com o passar do vento as transformam novamente em poeira que circula, circunda a atmosfera...e repousa, decompõe, retorna, afunda, esquenta, lá vem o fogo outra vez. São espiralares em simultaneidade de maneiras. O encontro com a Luana Vitra e seu trabalho me fizeram perceber que a dominação nunca foi completa, o ferro enferruja, degrada e volta a ser um mineral. Tenho profundo amor e respeito ao ferro, as pedras, vulcões, lavas, é bom ter você em companhia. Minha vida é estar com você.

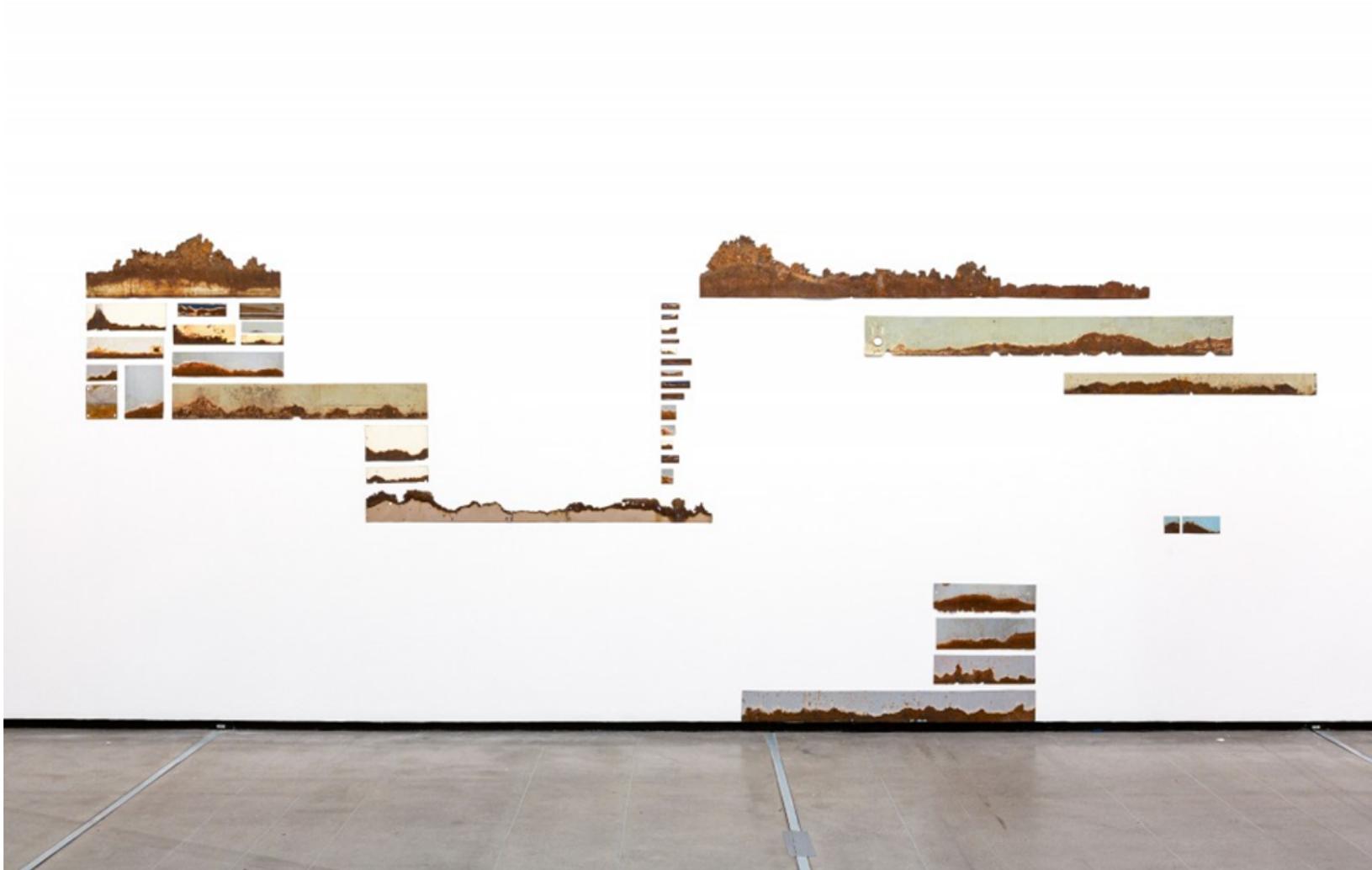


Imagem 22: Desejo-Ruína 2001-2020, latas enferrujadas, Luana Vitra. Belo Horizonte (MG). 2020. Fotografia: Portfólio da artista.

CAPÍTULO 2 - SUSSURROS

“Plantas mestras são veículos fecundos para outras realidades”

Flecha 4 - A selva e a seiva - Selvagem grupo de estudos sobre a vida

Congonha

Os sussurros começaram quando a encontrei, uma congonha, pequena e vistosa que me apresentava ali as chaves dos encantos para abrilhantar meu olhar e reconhecer as montanhas como seres vivos detentores de suas próprias agências e movidas. Beatriz Nascimento comenta em uma entrevista a Januário Garcia sobre como a história do Brasil é esquizofrênica, isso é, Beatriz expõe o quanto a realidade histórica e percepção do território que corresponde ao Brasil está atrelada a uma realidade ideologicamente direcionada de alienação e aniquilação dos seres que estão submetidas a essa ordem de vigência. Ensinada nas instituições de ensino, construções de saber, constitui e submete a uma realidade alienante que cree que o mundo é um recurso a ser consumido, retirando o nosso tato diante das coisas do mundo em prol do funcionamento de redes de opressões que nos submetem dia após dias. Os sussurros apresentados pelas congonghas vieram como quebra das correntes esquizofrênicas de percepção e vivências do território. Ao ingeri-la, por meio do chá, iniciei um diálogo capaz de me metamorfosear ao unir nossos dnas. Dentro de mim a sinto em contato com as menores partes do meu ser que guardam as lembranças de um bem viver encarnado de tempos de língua outra. Um banho de ervas, a depender da sua necessidade e conhecimento, é um bom exemplo de como é percebido pelo corpo o poder regenerativo presente nas seivas dos vegetais, após pedir licença e ajuda das ervas se ganha de presente a cura e seus presentes. Há em contato com as ervas o poder de trocar de energia, estado físico, psíquico e espiritual ao permitir que as folhas mais velhas operem sua consciência e realidade. Com as congonghas não me foi diferente, ao pedir a permissão para conviver com elas dei um importante passo atrás, como diz a mestra jogueira Jessica Castro ao abandonar a ideologia humanista de que não se é capaz de aprender com outros seres para além dos humanos e em especial com uma planta. Reconheci minha

ignorância e pedi às congonhas de forma humilde que me ensinasse a pisar no chão que encarnei, de maneira miúda, lenta como é aprendido em uma ginga de capoeira.

“*Sem folhas não tem sonhos, sem folhas não tem vida*” canta e encanta a letra da canção Salve as folhas de Maria Bethânia e Sandra de Sá, em referência aos fundamentos das religiões de matrizes africanas que cantam e também encantam a vida a partir da relação simbiótica com as plantas. *O sonho prepara o sonhador para o dia seguinte*⁵, a instituição sonho nas palavras de Ailton Krenak, me preenchem aqui ao presentificar sua existência a partir do relacionar imbricada com as congonhas. Voltei a sonhar, e não apenas no sono, dormindo, mas também na vigília, poder imaginar a partir dos abstratos de feridas de memórias apresentadas em sonhos, elaborar sentidos de estar presente em comum com os múltiplos organismos que me cercam. Como um treinamento para um futuro que já está presente em seu passado onde os sonhos elaboram e vibram as metamorfoses celulares geradas no contato mantido de maneira contínua. Nos sonhos nos unimos aos nossos ancestrais, tecnologia de aprendizado elaborada para a continuação das nossas existências. Adoro sonhar e lembrá-los em seus fragmentos de memórias espiralares nas palavras da rainha Leda Maria Martins. Sonhos sussurrados a partir do momento que escolhi as congonhas como *espécie companheira* (Donna Haraway) nessa coreografia insistente de fuga das extinções e minerações de nossas existências escuras.

⁵ Sentença presente no livro *Oráculo dos sonhos do capoeirista*, pesquisador Sidarta Ribeiro sobre a capacidade dos sonhos de previsão do futuro e aprendizado dos seres sonhadores.



Imagem 23: Congonha. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.



Imagem 24: Congonha. Congonhas (MG). 2022. Fotografia Walla Capelobo.



Imagem 25: Congonha. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo



Imagem 26: Congonha. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.



Imagem 27: Congonha. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo



Imagem 28: Congonha. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.



Imagem 29: Folhas de congonha secando. Congonhas (MG). 2019. Fotografia: Walla Capelobo.

Folhas

grossas folhas

metaboliza o ferro em seu verde ruidoso

nada macia, áspera, rígida e seca

acumula água

se prepara para o fogo

sabidas folhagens

mestras Carijós

dançam no vento seco empoeirado de ferro

onde cantam sobre nós

que pedaço de folha

amarga

envelhece cinza como o fogo que à encontra

Ó lindas folhas novas

ainda finas de esperança

guardam as substâncias

capazes de alienar a ganância

quando as mais velhas a tocam
as histórias começam
sobre as cinco parentes que logo se sessa

folha com cutícula
para a água não sair
a seca passar e a folha repousar
com isso tudo outra vez mudar

folha que vira chá
pra quem já morreu voltar
encanta defunto
levanta quem o banzo mandou voltar



Imagem 30: Folhagem de congonha. Congonhas (MG), 2022. Fotografia: Walla Capelobo.

Flores

é a chuva que te anuncia
em dezembro já chega
e se espalha no janeiro molhado
trazendo este lameado que tanto nos assusta

é com muita água que vens
avisando para que em cachoeira não entre
pois a mãe d'água sempre nessa época vem buscar
sua beleza nos conta que o perigo ali está

pequenos pontos amarelos
disformado em seu formato
alegram os beija-flores
no seu doce amargo

flores tão belas
encenam o mais não seco cerrado
caem aos poucos
com a chegada do vento gelado



Imagem 31: Flores de congonha. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.



Imagem 32: Flor de congonha. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.

Caule

baila ao sentir o fogo
camadas prontas para arder
estala ao flamejar
som de grito ao falar
quando as chamas o veem pegar

crespo
acidentado
desigual
desnivelado

água perder nem pensar
distorcendo os percursos
do chão de minério ferroso
ao céu brilhoso mesmo sem lua para acalantar

pede fogo
sabe que só assim pode se transformar
o fogo que queima brota
o futuro que na dormência da semente
espera sua hora pra chegar



Imagem 33: Tronco de congonha. Congonhas (MG). 2021. Fotografia: Walla Capelobo



Imagem 34: Caule de congonha. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.



Imagem 35: Caule de congonha. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.

Chá

No final da tarde, o sol começa a apresentar seu espetáculo final diário, a cor laranjada se mistura às nossas cores aliviadas de mais um dia de vida embaladas pelo astro rei. Duas folhas na chaleira com um punhado de água dado à própria sorte. Passa o tempo, na marcação de Cronos algo em torno de cinco a dez minutos. Já se ouve o borbulhar da água que anuncia a ebulição, mudança de estado das moléculas agitadas pelo calor extra exalado pelo fogão de tantas memórias alegres. Desligo o fogo, sua ação transformadora hoje já se fez efeito. Descansa a água que agora é chá, de cor amarelada que agora concentra o que as folhas das congonghas liberaram para a cura. Mais um pouco de espera “apressado come cru e queima a boca” já diz o ditado da sabedoria do povo do lugar. Um sopro, cadência deliciosa, um cheiro de mata do cerrado invade as narinas contando aos alvéolos pulmonares que a força dos troncos retorcidos está para chegar. Um gole, o líquido quente morno amarelado abraça o amargo da boca, rodopia o esôfago até o estômago. Na sua digestão, moléculas quebradas de caçadores do cerrado se juntam ao DNA daquela que toma e relembra o gosto do chão que anda. Nós rins, como as mais velhas contam, é onde seu efeito se transforma e a limpeza acontece, ali o chá das congonghas brincam com as toxinas presentes no dia a dia da vida mineralizada. Outro gole envolvido em conversas dos tempos em que animais não sumiram, histórias das montanhas encantadas e os rios que falavam sobre o ouro que escorria. Mais um gole e os olhos viram também rios ao imaginar que guardamos os saberes de conversar com o chão. O copo já se esvazia e fica a transformação molecular presente no diálogo com uma das mestras do cerrado e a promessa de manter o hábito, apenas assim, bebendo sua força, ativando mitocôndrias ancestrais que continuaremos a traçar caminhos de liberdade e sabedoria. A noite sonho, vejo os animais narrados, volto a sentir o cheiro forte e amargo. Amanhã tomarei de novo e de novo o chá que nos embala a eternidade.



Imagem 36: Chá de congonha. Congonhas (MG). 2019. Fotografia: Walla Capelobo.

Mestra do Encanto

Nas palavras das mais velhas você sempre foi a mestra dos encantos. Sorte a sua de provar a transformação que uma planta pode gerar no mais profundo do ser que com permissão e abertura tem para tomar. Beba todo dia e não esqueça das raízes do seu lugar.

CAPÍTULO 3 – QUEIMA

Cerâmica e a arte de fazer pedra

Me encantei com as artesanias do barro ao tocá-lo, percebi a materialidade que me faltava, a corrente transformadora que ali era feito ao pensar com o tato. Senti falta em anos de estudos formais em artes do conhecimento a partir do fazer, os saberes existentes para além das citações corriqueiras que são acumuladas como forma de provar e competir pelo conhecimento. Estar em um ateliê, silencioso barulho de mãos embaladas por um corpo que se move em torno do ser cerâmico que ali se forma e ensina. Aprender fazendo, fazer aprendendo. Em uma tarde de fazer cerâmico, envolvida no barro, uma percepção me invade ao passar pela memória/pensamento de que fazer cerâmica era fazer pedras, ao ler talvez pareça óbvia essa percepção porém para mim todos os sentidos se abriram a uma nova prática de vida. Acredito ser a melhor resposta que hoje consigo gerar a mineração comedora de terra, eu faço pedra, eu devolvo e continuo o trabalho milenar dos vulcões que assopram o fazer terrestre. Eu faço pedras e as adoro, sinto me continuidade, contribuição do movimento de tempo estendido para além do humano de fazer chão. Fazer chão, ação que nossos ancestrais da diáspora africana tanto tiveram que aprender ao ter o banzo como companhia, a saudade da terra, de lá. Fazer chão é criar espaço em terras invadidas e seguradas pelos invasores com suas armas físicas e subjetivas. Eu aprendi a fazer chão, a ser chão, construir pedras, seres terrosos comprometidos com a escuridão. Fiz chão, faço chão!

Criando fósseis ou se as pedras guardarem teus segredos

“A cerâmica e o artesanato de barro carregam significados que vão muito além do objeto que é produzido, trazendo consigo habilidades e gestos peculiares que moldam um pote ou uma panela. Muito mais do que produtos em si, esses objetos possuem uma imaterialidade, uma subjetividade que carrega valores simbólicos. Cada peça de barro produzida carrega parte do território, não apenas como lugar de morada do corpo, mas também no que se reapresenta como lugar sagrado de morada da alma.” Celia Xacriabá

Como guardar um segredo que deve ser passado às próximas sem se revelar a luz que aprisiona nossos sentidos? Às congonhas seguem em sua missão diária de fuga das extinções causadas pela devoração constante da terra pelo maquinário colonial minerador. Os conhecimentos em torno de nossas relações com as congonhas e demais seres cósmicos também seguem correndo em fuga do fetiche e destruição de sentidos ocorridos em contato com a branquitude colonizadora. Quando percebi que fazia pedras me imaginei fazendo fósseis. Fósseis, seres encarnados em pedras que personificam constantemente um passado e ameaçam nos lembrar que a finitude é questão de tempo. Fósseis que revelam as transformações da paisagem que nos compõem, alertando que o que somos é o que fomos. Criei centenas deles, repetidas congonhas transferidas a argilas queimadas em pedras. Ao tempo, dediquei esses fósseis, ao tempo da Terra, onde esses segredos bebidos se entranham na terra de tal maneira que na biblioteca viva do cerrado montanhoso se multiplique e seja vida. Jamais seremos esquecidas, somos a terra, eternas em seu fim.



Imagem 37: Processo de criação dos fósseis de congonha. Rio de Janeiro (RJ). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.

Quintal

O local escolhido para fazer o forno para a queima dos fósseis não poderia ser outro, o quintal da casa dos meus pais, onde vivi por vinte anos e retorno com muita frequência. A terra vermelha cercada por árvores frutíferas sempre foi meu local de esconderijo do mundo exterior, pequeno vórtex de alegria e sustento que me preencheu de forças para sair pelo mundo carregando suas pedras encantadas. Quando criança brinquei muito nessa terra vermelha, ao final da tarde minhas roupas denunciavam o meu rolar incessante pelo chão de cascalho avermelhado. Me recordo de brincar com fogo nesse chão, como um prenúncio de um futuro naquele momento distante, onde o cheiro da terra queimando me sobe a memória no instante em que escrevo esse texto, quando pequena queria fazer um vulcão naquela terra e hoje acredito ter feito de fato um no quintal fértil para minha imaginação. Não há consciência nos fatos da vida e penso lembrando do fato deste não ser meu primeiro trabalho criativo feito nesse quintal que me atinge de formas diferentes, em 2014 realizei no quintal *Horror Econômico* minha primeira vídeo performance que já contava sobre o terror de viver próximo a mineração de ferro. Em 2016 realizei também no quintal de casa o filme *Jardineire Infiel*, importante produção para minha transição de gênero e libertação dos processos higienizantes da sexualidade normativa. Já no ano de 2020 realizo a vídeo performance *Brotar raízes, ser quilombo* onde realizei o plantio de inhames e carás e presenteei membros da minha família com mudas de ancestralidade africana, uma maneira de retomar nosso lugar de conhecimento sobre nossas origens. Fazer o forno nesse quintal significa muito para mim, terreno ameaçado pela barragem e despejo das mineradoras ao redor, ali está fundamentada o que sou e o que vim fazer nesse planeta. Não importa se não estaremos mais lá em cinco, dez ou vinte anos, o que importa é honrar os compromissos que fiz com esse chão que continuará mesmo depois de nós. Te honro terreiro que cresci, sempre levarei contigo um pedaço de ti.



Imagem 38: Quintal. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.



Imagem 39: Horror Econômico (Performance). Congonhas (MG). 2014. Print video: Walla Capelobo.

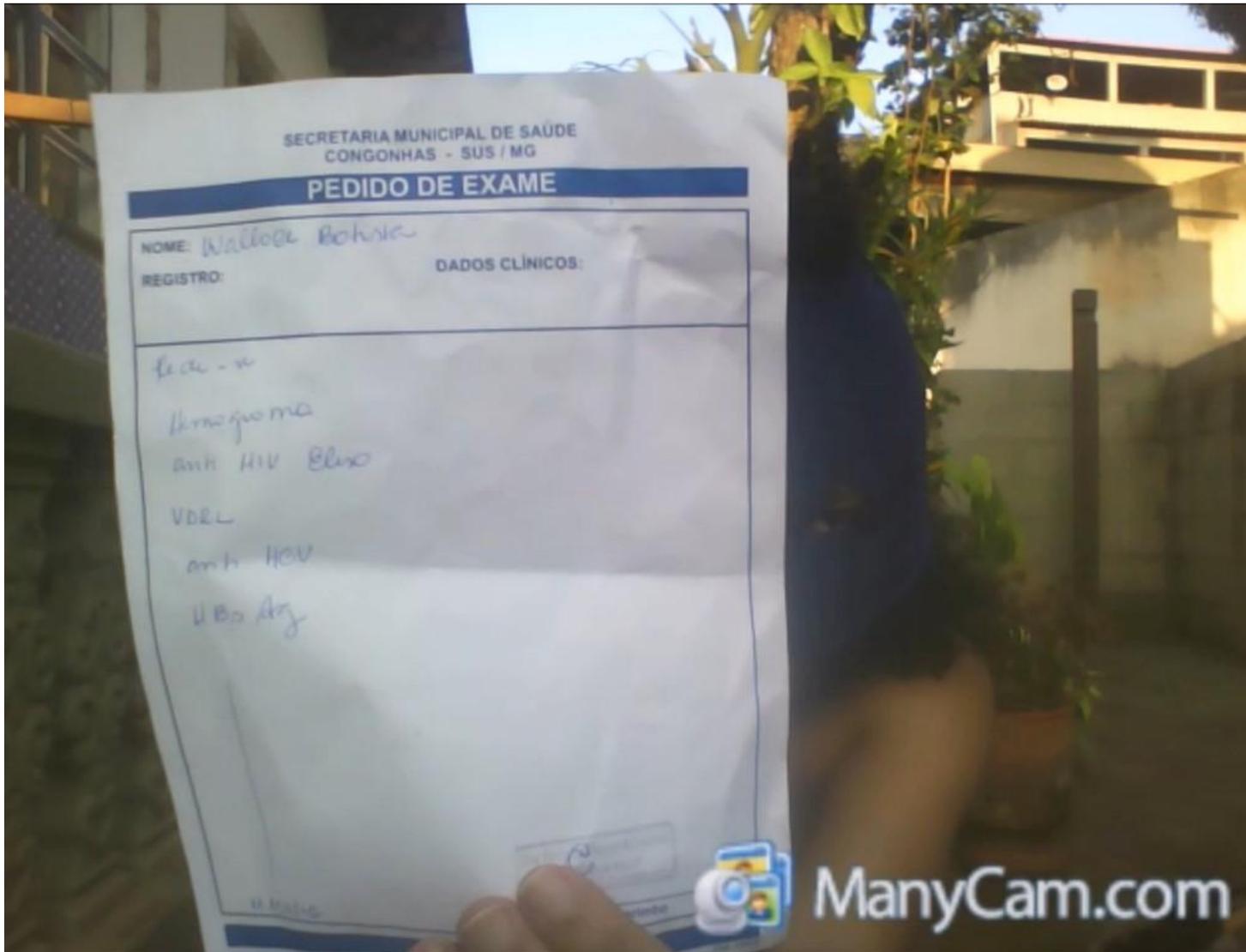


Imagem 40: Jardineire Infiel. Congonhas (MG). 2016. Print video Walla Capelobo.



Imagem 41: Brotar raízes, ser quilombo. Congonhas (MG). 2021. Fotografia: Walla Capelobo.

Um buraco no chão de pedra

Esse foi o quarto forno de chão que fiz, o primeiro deles sozinha. O primeiro forno foi feito junto com as amigas/artistas/ceramistas Helena Borges e Mariana Chiari no ano de 2021 em Diamantina, Minas Gerais, a partir desse dia acreditei que toda minha vida foi transformada ao ser iniciada na sabedoria ancestral de queimar a argila e transformá-la em cerâmica. Ao perceber a transformação da matéria fui tocada pelo desejo de enquanto viva realizar esse processo como meio de alegria e justiça. O segundo forno que participei da construção foi na Aldeia Maracanã, espaço de resistência originária no Rio de Janeiro, acompanhando de maneira atenta os ensinamentos do parente Yaku, acompanhando de pessoas que se fortaleceram na queima realizada em março de 2022. O terceiro forno foi construído a partir do grupo de estudos que ministrei na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, onde no final dos encontros construímos e queimamos em parceria com a rede de agroecologia da UFRJ no campus fundão. Todas essas experiências me alimentaram para o meu desafio de construir sozinha o forno que queimaria os fósseis das congonghas no território que defendo. Além de estar sozinha, o desafio se tornou mais brutal ao encarar o chão de ferro do quintal, muito duro, muito esforço para abrir um pequeno buraco. Os outros fornos de buraco apresentavam certa maciez a terra, onde o esforço era grande porém possível. Já esse forno construído em Congonghas me revela o chão de pedras que sempre vivi, onde cada centímetro dele cavado foi gerado com muita força, faíscas saíam ao confrontar a enxada com as pedras que formam esse chão. Cavei em dois dias, onde senti o efeito desse exercício por mais dois, todo meu corpo vibrava em dor, como se os músculos se expandissem em um espaço criado a partir do ato da construção. Cai deitada ao lado do buraco feliz e cansada por compreender agora de outra maneira a força que as raízes do cerrado tem para se fixarem nesse chão. Sou como elas, raízes silenciosas e grossas que cruzam pedras para fazer vida. Mais uma metamorfose a partir da vivência, do conhecer fazendo, do fazer conhecendo.



Imagem 42: Buraco Forno. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.



Imagem 43: Forno de buraco. Diamantina (MG). 2021. Fotografia: Walla Capelobo.

Barrear

Com o buraco construído é necessário barrear seu entorno, isso é, inserir barro em sua volta, um processo que me fez ter a sensação de construção de uma peça de cerâmica em dimensões nunca antes feita por mim. O próprio forno de chão é um artefato cerâmico, ao cobrir seu entorno com barro de maneira delicada vai se notar a construção de uma escultura terrena que depois de queimada (junto às peças) permanecerá como ser vivo na paisagem. É um processo gostoso de tocar cada centímetro do buraco forno, cuidando para conter a terra ao seu redor e mantê-lo de forma rígida e leve a sua função de forno de buraco. É quando se confirma que o forno está pronto para o uso ao tê-lo completamente rebocado, pronto para a queima.



Imagem 44: Detalhe do barrado após queima. Diamantina (MG). 2021. Fotografia: Walla Capelobo.



Imagem 45: Processo de barrear forno de buraco. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.

Queima: o início do aquecer

A queima de buraco é feita em seis horas de manutenção do fogo e resfriamento de maneira natural, esse tempo combinado ao manejo do calor são suficientes para a transformação da matéria barrosa em corpo cerâmico. O início do aquecer é aos poucos, se aumentamos bruscamente a temperatura nas peças elas se rompem, o cozimento deve ser levado em consideração o tempo em função do aumento da temperatura. Em primeiro momento coloca-se as peças no meio do buraco, ali envolvido por algum material refratário, isso quer dizer, material que resiste ao fogo como telhas e tijolos que já passaram pelo processo de queima. Em seguida fiz uma fogueira ao lado do forno, meu pai Marcelo Teixeira quem iniciou o fogo, o convidei para esse momento e ele aceitou com muita disposição, participando ao meu lado e auxiliando no que precisasse. O objetivo inicial é começar o contato das peças com o calor, com as brasas formadas dessa fogueira, as colocamos dentro do forno de chão, entre o material refratário e as paredes do forno. Esse processo é feito por 2hrs, onde é necessária atenção para manter a fogueira acesa ao mesmo tempo que se move as brasas ao forno. É percebido o aumento aos poucos da temperatura, de forma gradual, quase lenta onde as peças começam a reter o calor e começa seu cozimento. Foi o momento que minha família estava mais presente, fiz essa queima em um domingo com familiares próximos acompanhando. Me senti muito contente com as perguntas e a aproximação do meu fazer artístico com pessoas que tanto admiro e que gostaria que de fato conhecessem o meu trabalho. Falamos sobre as coisas simples importantes da vida, era só o início mas as transformações já se manifestavam.



Imagem 46: Início da queima, conferindo a temperatura com minha amiga Pamela. Rede de agroecologia UFRJ - Rio de Janeiro. 2022. Fotografia: Verde.



Imagem 47: Marcelo Teixeira (meu pai) acendendo a fogueira. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.



Imagem 48: Início da queima: fogueira auxiliar ao fundo e forno em primeiro plano. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.



Imagem 49: Fogueira auxiliar e brasas no forno. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.

Queima: manter aceso

Passado esse momento inicial do cozimento onde as peças já estão cercadas por brasas da fogueira auxiliar mantida acesa ao lado. Agora o desafio é transportar a fogueira auxiliar para as laterais do forno. Aos poucos transporte o fogo aceso para todos os lados e a partir desse movimento o mantive aceso de maneira constante, tudo isso com lenhas retiradas das matas próximas ao forno construído. Essa etapa de maior calor nas peças durou em torno de 2 hrs, onde o fogo aquece de forma mais direta as peças sem tocá-las. Muita atenção nos movimentos necessários para manter o fogo aceso, exige um movimento corporal atento às frequências de combustão onde a cada lado do forno precisa ser alimentado. Com a queima iniciada a temperatura não pode cair para não comprometer o cozimento, a partir dessa fase aumentamos a intensidade isso pressupõe um esforço grandioso de manter aceso, não deixar apagar.



Imagem 50: Fogueira no interior do forno. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo



Imagem 51: Fogueira no interior do forno. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.

Queima: incandescer

Duas horas depois da fogueira já estar nas laterais do forno é chegado o momento de aumentar a temperatura ao máximo possível, encandecer as peças para completar seu cozimento. Nessa fase é necessário que o calor chegue a sua potência máxima, além das fogueiras nas laterais do forno de buraco agora é feito uma outra fogueira por cima de todo o forno, incluindo por cima das peças. Cobertas pelo fogo a transformação da matéria se faz, me imagino conversando com um vulcão prestes a cuspir as pedras para o mundo. As peças incandescem, sua cor agora é de brasa tornando-se quase impossível ficar muito próximo. Ao mesmo tempo, é necessário grande intensidade de lenha, combustível para manter o forno em sua potencialidade máxima. Chorei ao ver os fósseis incandescentes, ouvia uma música para Xangô quando minha mãe se aproximou e também chorou em silêncio. Nesse momento percebi que o meu presente para aquele território foi aceito e fez sentido. Já fazia seis horas que tinha começado o processo, meu corpo já se misturava às cinzas, defumada e energizada da metamorfose que estava ocorrendo ali. Foi uma explosão de alegria, justiça.



Imagem 52: O início do incandescer. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.



Imagem 53: Incandescer das peças. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.



Imagem 54: Ápice da queima, incandescer das peças. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.

Queima e o esfriar do tempo

Exausta e elétrica me retiro do forno, após 6hrs de intensidade de disposição energética para a transformação da matéria é hora de baixar da temperatura. Esse processo é feito de maneira natural a partir do esfriar da própria brasa. Como no início em que a temperatura não pode subir de forma rápida o seu resfriamento também segue a mesma lógica onde o choque brusco de temperatura pode gerar o rompimento das peças. Me despeço já noite do forno e das peças e no outro dia verei o que aconteceu no interior do forno que agora também prepara para descansar. Tomei um banho e logo dormi, estava cansada e feliz, sonhei com muitas coisas. Acordei sabendo que tudo tinha ocorrido da maneira que deveria ser. Há tempos de se aquecer e há tempos de se esfriar, ciclos.

Presentes para as montanhas: vislumbrando a justiça

“Se a justiça dos homens não nos atende busquemos a justeza (Direito) de Xangô! Kabiesile”

Babá Adailton de Ogum em 13 de julho no Ilê Axé Omiojuaro

Retomo aqui um dos pensamentos frutos da oralitura que fundamenta essa pesquisa *“A justiça é como uma explosão de sentimento, como alegria”* da mestra Carmen Luz. Deslumbrei a justiça ao realizar esse trabalho, Octavia Butler dizia que escrevia sobre poder porque era algo que sentia havia muito pouco em suas mãos, hoje acredito que faço artes visuais, cerâmicas e fornos pensando em justiça porque é algo que desejo e tenho tão pouco no dia a dia. No dia pós queima recolhi as peças uma a uma e percebi ali a força da transformação e a dilatação do tempo. As transformei em fóssil, em seres de pedras que contam com minha energia que deseja que suas extinções não sejam possíveis. Repassei segredos em suas formas e as distribuí silenciosamente para as montanhas ao redor, as serras casa de pedra, esmeril e do pires. É um presente para vocês montanhas com quem aprendi a conversar e também a sofrer com vocês pelo impacto avassalador da mineração. Os fósseis de congonghas foram feitos de argila rico em ferro, ser cósmico que me encanta a todo instante que sinto o sangue circular o oxigênio em minhas artérias. Na minha impotência diante desse sistema todo em que apenas nos retira energia dei como resposta um presente, onde se retira eu coloquei, dei. Um movimento inspirado em Ailton Krenak em suas ideias para adiar o fim do mundo, eu quis adiar o fim das congonghas e do seu cerrado montanhoso. Senti a justiça e é uma das melhores sensações que pude experimentar, por segundos ou horas, mas por hoje sei que o nosso fim não significa esquecimento. Obrigada Xangô pelas lágrimas que escorrem ao escrever esse texto, esse trabalho e essa alegria! Kao!



Imagem 55: Resultado da queima. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.



Imagem 56: Resultado da queima. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.



Imagem 57: Fósseis do futuro: congonha. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.



Imagem 58: Fósseis do futuro: congonha. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.



Imagem 59: Fósseis do futuro: congonha. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.



Imagem 60: Fósseis do futuro: congonha. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.



Imagem 61: Fósseis do futuro: congonha. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.



Imagem 62: Fósseis do futuro: congonha. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.



Imagem 63: Fósseis do futuro: congonha. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.



Imagem 64: Fósseis do futuro: congonha. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.



Imagem 65: Fósseis do futuro: congonha. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.



Imagem 66: Fósseis do futuro: congonha. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.



Imagem 67: Fósseis do futuro: congonha. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.



Imagem 68: Fósseis do futuro: congonha. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.



Imagem 69: Fósseis do futuro: congonha. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.



Imagem 70: Fósseis do futuro: congonha. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.



Imagem 71: Fósseis do futuro: congonha. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.



Imagem 72: Fósseis do futuro: congonha. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.



Imagem 73: Fósseis do futuro: congonha. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.



Imagem 74: Fósseis do futuro: congonha. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.



Imagem 75: Fósseis do futuro: congonha. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.



Imagem 76: Fósseis do futuro: congonha. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.



Imagem 77: Fósseis do futuro: congonha. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.



Imagem 78: Fósseis do futuro: congonha. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.



Imagem 79: Fósseis do futuro: congonha. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.



Imagem 80: Fósseis do futuro: congonha. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.



Imagem 81: Fósseis do futuro: congonha. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.



Imagem 82: Fósseis do futuro: congonha. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.



Imagem 83: Fósseis do futuro: congonha. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.



Imagem 84: Fósseis do futuro: congonha. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.



Imagem 85: Fósseis do futuro: congonha. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.



Imagem 86: Fósseis do futuro: congonha. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.



Imagem 87: Fósseis do futuro: congonha. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.



Imagem 88: Fósseis do futuro: congonha. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.



Imagem 89: Fósseis do futuro: congonha. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.



Imagem 90: Moringas. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.



Imagem 91: Felino. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.



Imagem 92: Casa. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.



Imagem 93: Ciranda. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.



Imagem 94: Pratos. Congonhas (MG). 2022. Fotografia: Walla Capelobo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Tem o tempo da água (canoa sentada no Tempo), o tempo da terra (atraca e encontra veio para pousar), tem o tempo do ar (o movimento de respirar as coisas, onde se criam as coisas, onde se criam as bolhas de pensamento) e tem o tempo do fogo (onde principia e finda: para conceber, cozer e destruir se preciso for” Elton Panamby

Escrevo algumas palavras finais sobre o Tempo que nas palavras de Gilberto Gil é aquele que realmente transforma tudo. Agradeço ao tempo dessa pesquisa que me ensinou e tentei aqui da minha maneira compartilhar sobre justiça, fuga das extinções, transformações radicais e perpetuação das matérias que estão a devir das mudanças. Às congonhas, ervas que metamorfoseiam meu dna/corpo e me foram mestras para caminhar no escuro dos tempos que estamos encarnadas à atravessar. Ao Tempo, dedico essas palavras finais que ao brincar contigo criei fósseis a fim de que para além do meu corpo físico minha promessa possa permanecer de que as montanhas de ferro que encarnei jamais poderão ser esquecidas. O tempo tem sido tão generoso quando tenho calma para acompanhar seus caminhos. Ao Tempo da escuridão que ao olhar seus olhos nos assustamos com sua grandiosidade de ser. Ao barro, à água, ao ar e ao fogo, ao Tempo de tudo que há.

BIBLIOGRAFIA

MILANEZ, Bruno. **Grandes minas em Congonhas (MG), mais do mesmo?** In: Recursos minerais & sustentabilidade. Rio de Janeiro: CETEM/MCTI, 2011.v.1. P.199-228.

ARÁOZ, Horacio. **Mineração, genealogia do desastre: O extrativismo na América como origem da modernidade.** 1 ed. São Paulo: Elefante, 2020.

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da memória.** 1 ed. São Paulo: Perspectiva, 1997.

BISPO, Antonio. **Colonização, quilombos: modos e significações.** 2 ed. Brasília: AYÔ, 2019.

NASCIMENTO, Beatriz. **Quilombola e intelectual: possibilidades nos dias da destruição.** 1 ed. São Paulo: Filhos da África, 2018.

FERREIRA DA SILVA, Denise. **A dívida impagável.** 1 ed. São Paulo: Casa do Povo, 2019.

KOPENAWA, David. **A queda do céu.** 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil.** 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

Viegas, Rodrigo. **Desigualdade Ambiental e “zonas de sacrifícios”** INESUS, Araucária (PR). Disponível em:

www.faneesp.edu.br%2Fsite%2Fdocumentos%2Fdesigualdade_ambiental_zonas_sacrificio.pdf&clen=485519&chunk=true

MOMBAÇA, Jota. **Rumo a uma destruição desobediente de gênero e anticolonial da violência**. São Paulo: Oficina de Imaginação Política, 2018. Disponível em: https://issuu.com/amilcarpacker/docs/rumo_a_uma_redistribuicao_a_o_da_vi

IMARISHA, Walidah. **Reescrevendo o futuro: usando ficção científica para rever a justiça**. São Paulo: Oficina de Imaginação Política, 2018. Disponível em: https://issuu.com/amilcarpacker/docs/walidah_imarisha_reescrevendo_o_fut

MOMBAÇA, Jota & MATTIUZZI, Musa. **Carta à leitora preta do fim dos tempos**. São Paulo: Casa do Povo. Disponível em: <https://casadopovo.org.br/wp-content/uploads/2020/01/a-divida-impagavel.pdf>

BARROS, Laan & FREITAS, Kênia. **Experiência estética, alteridade e fabulação no cinema negro**. Rio de Janeiro: Revista Eco-Pós UFRJ, 2018. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/20262/12629

EVARISTO, Conceição. **Da grafia-desenho da minha mãe, um dos lugares de nascimento da minha escrita**. Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/da-grafia-desenho-de-minha-mae-um-dos-lugares-de-nascimento-de-minha-escrita/>

ACTION, Indigenas. **Repensando o apocalipse: um manifesto anti-futurista indígena**. Indigenas Action, 2020. Tradução disponível em: <http://afita.com.br/outras-fitas-repensando-o-apocalipse-um-manifesto-anti-futurista-indigena/>

VENANCIO, Renato. **Os últimos Carijos: Escravidão indígena em Minas Gerais: 1711-1725**. Revista Brasileira de História nº 17, 1997. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/8T6XwTmB3hRbCmMKhFr5jLG/?lang=pt>

PANAMBY, Elton. **5 gestos esquecidos**. São Luís: Acabamos, 2021. Disponível em: https://www.panamby.art/files/ugd/0126e9_1ca1103188b642dbb54a90f2b51a3b29.pdf?index=true

XAKRIABA, CÉLIA. **Amansar o giz**. Piseagrama, Belo Horizonte, 2020. Disponível em: <https://piseagrama.org/amansar-o-giz/>

FILMOGRAFIA:

Ailton Krenak: o sonho da pedra. Direção de Marco Altberg. Minas Gerais. 2018.

Orí Beatriz Nascimento. Direção de Raquel Gerber. Rio de Janeiro, 1989.

O último anjo da história. Direção de John Akomfrah. Reino Unido, 1995.

DURE NÃT SARÕ: Manter aceso - Queima tradicional de cerâmica xakriabá. Direção de Edgar Kanaykõ e Joel Xakriabá. Minas Gerais, 2018.

FLECHA 4 - A SELVA E A SEIVA. Direção: Anna Dantes, 2021.

